

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA

Matheus Schardosim Gorges

**A FORMAÇÃO DE NOVOS PARTIDOS E O CASO DO PARTIDO NOVO:
O QUE HÁ DE NOVO NO PARTIDO NOVO?**

Porto Alegre

2017

Matheus Schardosim Gorges

**A FORMAÇÃO DE NOVOS PARTIDOS E O CASO DO PARTIDO NOVO:
O QUE HÁ DE NOVO NO PARTIDO NOVO?**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvana Krause

Porto Alegre

2017

Matheus Schardosim Gorges

**A FORMAÇÃO DE NOVOS PARTIDOS E O CASO DO PARTIDO NOVO:
O QUE HÁ DE NOVO NO PARTIDO NOVO?**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 4 de Agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago da Silva Sampaio - UFRGS

Profª Drª Maria Lúcia Rodrigues de Freitas Moritz - UFRGS

Profª Drª Silvana Krause – UFRGS (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Frente à esta que é a etapa final de uma trajetória e, ao mesmo tempo, um início de um novo trajeto rumo à vida acadêmica, gostaria, antes de mais nada, de agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul por proporcionar toda a infraestrutura necessária para o aprendizado desenvolvido durante o meu curso de graduação em Ciências Sociais desde 2010. Todas as experiências, discussões, aulas, eventos e festas dentro do campus dessa universidade me fizeram o que sou hoje e me enriqueceram além de palavras.

Quero agradecer do fundo do meu coração, obviamente, àqueles que me trouxeram para este mundo, meus pais. Meus pais me ensinaram o amor pelo estudo, pelo debate e pela leitura. Me ensinaram a procurar entender, manter a cabeça aberta e os pés no chão, a viver e como amar. Não há como colocar aqui em palavras o amor e a dedicação que eles me proporcionaram, e nem o amor que eu sempre senti em retribuição.

Não posso deixar também de agradecer minha orientadora, Silvana Krause, por todo o trabalho que realizamos desde 2014, todas as conversas e toda a paciência que ela sempre demonstrou, como professora, amiga e pessoa.

Agradeço profundamente à Luli, por toda a amizade e o companheirismo desde a nossa entrada na faculdade em 2010. A tua presença me deu forças, e a tua paciência em sempre me ouvir me queixando de tudo que acontecia nunca teve limites. Tu me inspirou, me motivou e me incomodou até essa etapa conclusiva da minha trajetória acadêmica, e, com certeza, vai continuar a fazê-lo durante todo o percurso.

Manu, é com profunda admiração que encaro a nossa viagem juntos, desde 2013 até aqui. A verdade é que tu sempre foi minha rocha e o meu norte, desde o nosso tempo juntos em outro estado, eu sabia exatamente o que eu precisava e o que eu devia fazer, e, mesmo entre águas difíceis e trancos e barrancos, eu cheguei aqui, e eu espero que eu possa me orgulhar durante toda a minha existência de ter na minha vida e de ter ao meu lado. Tu é uma pessoa incrível e eu só tenho a te agradecer.

Clá, além de uma pessoa maravilhosa, uma excelente amiga, tu é, acima de tudo, uma referência. Uma influência intelectual e um ser humano maravilhoso e genial. Nossa relação é uma das melhores coisas do mundo, na minha formação acadêmica e no meu intelecto. Eu espero que a gente possa trocar textão até os últimos momentos das nossas vidas, te agradeço demais!

Nessa trajetória de estudos, por vezes muito desgastante, são pessoas como tu, Lauri, que me fazem seguir em frente e perceber que se pode dedicar e fazer uma grande diferença dentro dessa academia, com todos os seus problemas e privilégios que a tornam muitas vezes alienada demais. A tua pessoinha é uma coisa incrível, inteligente, perspicaz e estudiosa em níveis absurdos, e, por vezes, intimidadores. Quando eu crescer, quero ser como você, Mestra dos Magos.

Por fim, tenho só agradecimentos a todas as pessoas maravilhosas e únicas que eu conheci e convivi ao longo deste curso de graduação em Ciências Sociais. Pessoas de todos os tipos, com suas idiossincrasias, porém, todas com um sentimento de que algo está errado, e que é possível mudarmos isto junto.

A carreira científica é um sonho na minha vida desde que eu tenho consciência, e é um caminho que muitas vezes parece sem esperanças e desesperador, especialmente em nossa área. É extremamente difícil estudar, debater e pesquisar sobre uma sociedade que não dá valor às Ciências Sociais. No entanto, é verdadeiramente inspirador a perspectiva de uma vida nesse meio, especialmente junto à tantas pessoas incríveis e tantas experiências positivas.

RESUMO

Este estudo possui como tema o surgimento de novos partidos e procura relacionar este tema com o partido NOVO. O objetivo principal é contextualizar o surgimento do partido NOVO e analisar o perfil de seus fundadores e filiados, assim como o seu debut eleitoral e a sua representação na mídia. A hipótese apresentada é a de que o partido NOVO surge como o resultado de anseios de setores da elite econômica, vindos da área empresarial, em diminuir a influência do Estado no setor privado, elites estas que não se consideram representadas na atual arena política. O estudo também se propõe em apresentar uma breve análise da história do liberalismo e suas adaptações no caso brasileiro, enfim, realiza-se um levantamento bibliográfico e, operacionalizando a framework do *newness*, analisa-se o grau de novidade apresentado pelo partido NOVO. Por fim, o estudo conclui que o partido NOVO apresenta alto grau de *newness*, aparecendo como uma organização partidária nova em diversas das dimensões de análises, com uma ideologia de cunho liberal.

Palavras-chave: Novos Partidos . *Newness*. Partido NOVO. Surgimento de Novos Partidos.

ABSTRACT

The present paper deals with the emergence of new parties and tries to create a link between this subject and the political party NOVO. Its main objective is to contextualize the emergence of the party NOVO and analyze the profile of its founders and members, as well as its electoral debut and its media representation. The presented hypotheses its that the NOVO party emerges as the result of the wishes of sectors of the economical elite, from the business area, to reduce the State's influence over the private sector, these elites don't consider themselves represented in the present political arena. The paper also proposes to present a brief analysis of the history of liberalism and its adaptation in the Brazilian case, finally, a bibliographical research is made and, operationalizing the newness framework, the newness degree presented by the NOVO party is analyzed. At last, the paper concludes that the NOVO party present a high level of newness, emerging as an party organization new in several of the analysis dimensions, with a liberal ideology.

Key words: New parties. Newness. NOVO party. Emergece of new parties

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Operacionalização do <i>Newness</i>	23
Quadro 2 – Operacionalização para a análise do <i>Newness</i>	42
Quadro 3 – Framework Operacionalizada.....	47

LISTA DE TABELAS

Gráfico 1 - Profissão dos Fundadores.....	27
Gráfico 2 - Profissão dos "Outros" Fundadores.....	28
Gráfico 3 - Fundadores do Partido por Naturalidade.....	29
Gráfico 4 - Fundadores do Partido por UF com Porcentagem Populacional.....	30
Gráfico 5 - Filiados por Unidades Federativas (Números Absolutos).....	35
Gráfico 6 - Filiados por Unidades Federativas (Porcentagem).....	36
Gráfico 7 - Capilaridade por Unidade Federativa (Porcentagem).....	37

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema de pesquisa	12
1.2 Objetivo Central	12
1.3 Objetivos Específicos	12
1.4 Hipótese	12
1.3 Metodologia.....	13
2 A TEORIA DOS NOVOS PARTIDOS	14
2.1 Contextualizando o surgimento de novos partidos.....	14
2.2 Mudanças Sócio-estruturais.....	15
2.3 Condições Institucionais.....	16
2.4 Dinâmica dos Atores	18
2.5 O Projeto Newness: O que constitui um Partido Novo?	22
3 O PARTIDO NOVO	27
3.1 A Fundação e os Fundadores.....	27
3.2 Programa, Ideologia e Valores	30
3.2.1 O Liberalismo e o Neoliberalismo.....	30
3.2.2 A Declaração de Princípios, Valores e Diferenciais do Partido NOVO	33
3.3 Os Filiados.....	34
3.4 Representação Midiática.....	37
3.5 Debutê Eleitoral.....	40
4 O PARTIDO NOVO E O FRAMEWORK DO NEWNESS: O QUE HÁ DE NOVO NO PARTIDO NOVO?.....	43
4.1 Partido no Eleitorado.....	44
4.1.1 Nomenclatura da Legenda.....	44
4.1.2 Ideologia	44
4.1.3 Eleitorado	45
4.2 Partido como Organização	45
4.2.1 Status Legal/Formal	45
4.2.2 Organizações Internas.....	45
4.2.3 Militantes.....	46
4.3 Partido no Governo.....	46
4.3.1 Representantes	46

4.3.2 Programa	46
4.4 Framework Operacionalizada.....	47
5 CONCLUSÕES.....	48
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

O Brasil e todo o continente sul-americano sofreram, durante o século passado, com regimes autocráticos que deixaram fortes cicatrizes na cultura política destes países, além de uma herança na estrutura estatal destas nações. Após a queda do regime civil-militar no Brasil, o país começou a vivenciar uma nova democracia representativa. No entanto, a experiência brasileira com o sistema representativo partidário tem sido bastante conturbada, com golpes institucionais e problemas nas formações partidárias e, principalmente, com dificuldade em consolidar uma verdadeira representatividade do povo brasileiro junto às agremiações políticas. Os partidos no Brasil apresentam uma contínua manutenção de elites políticas tradicionais, consequentemente falhando em representar os mais diversos setores da nossa complexa sociedade. Neste cenário, a questão do surgimento de novos partidos e a análise do quão novo estes realmente são torna-se um tema de extrema importância para a Ciência Política no nosso país. Analisar as condições que levam ao surgimento de novas agremiações políticas, a receptividade que estes partidos recebem do eleitorado brasileiro e, principalmente, problematizar a “novidade” destes partidos são questões centrais e extremamente relevantes na busca de uma representatividade da sociedade civil e no entendimento do nosso sistema de representação política. Nesta análise, as elites políticas brasileiras são centrais, assim como as legendas nas quais estas elites se configuram e reconfiguram.

Neste cenário, inicia-se o processo de fundação, no dia 12 de Fevereiro de 2011, do partido NOVO, mais tarde deferido pelo Tribunal Superior Eleitoral no dia 15 de Setembro de 2015. A agremiação foi fundada por um grupo de 181 pessoas, das quais nenhuma possuía carreira política prévia. O partido apresenta uma proposta com caráter liberal, buscando a “maior autonomia do indivíduo, a redução das áreas de atuação do Estado, a diminuição da carga tributária e a melhoria dos serviços essenciais”¹. O partido apresenta propostas focadas nos ideais liberais de livre mercado, redução do poder estatal, ampliação das liberdades individuais, igualdade perante a lei, privatização dos serviços essenciais e gestão independente. Logo, percebe-se a extrema relevância do estudo do caso do partido NOVO, por ser uma organização surgida da sociedade civil com anseios por uma nova forma de se fazer política no Brasil e por uma representatividade mais satisfatória.

¹ VALORES & diferenciais. **Novo.org.br**. Disponível em: <<https://novo.org.br/partido/valores/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

Serão analisados o estatuto partidário, *sites* e *blogs* oficiais do partido e análise documental disponível, assim como discursos políticos e informações sobre a trajetória do partido até a atualidade e a sua posição nas eleições de debute no ano de 2016.

A primeira etapa deste trabalho consiste na análise da teoria dos novos partidos, o contexto em que surgem e os fatores apontados pela literatura para a explicação de sua formação. Na parte citada, também será construído o *framework* da teoria do *Newness*. Na segunda parte, traçaremos um perfil do partido NOVO, analisando o perfil de seus filiados, fundadores, propostas e valores políticos, bem como o desempenho nas eleições de 2016, apresentando uma análise quantitativa dos dados dos filiados, fundadores e candidatos utilizando o software *SPSS*. Por fim, no segmento final, cruzaremos o partido NOVO com a *framework* do *Newness* e será feita a análise do partido em cada uma de suas dimensões, de modo a verificarmos seu grau de novidade.

1.1 Problema de pesquisa

Recentemente, surgiu no Brasil um grande número de novas legendas, com diferentes propostas e alianças. Neste cenário, o NOVO surge com uma forte proposta de cunho liberal, caracterizando-se por uma plataforma política diferenciada no contexto brasileiro. Neste cenário de surgimento de diversos novos partidos, problematizam-se as seguintes questões:

- 1) *O partido NOVO pode realmente ser considerado novo?*
- 2) *Como a Ciência Política explica o surgimento de novos partidos?*

1.2 Objetivo Central

Contextualizar o caso do surgimento do partido NOVO e definir o seu grau de *Newness*.

1.3 Objetivos Específicos

- 1) Traçar um perfil do partido NOVO, de seus filiados, fundadores, valores políticos e presença na mídia;
- 2) Fazer uma análise das eleições inaugurais do partido NOVO, no ano de 2016;
- 3) Contextualizar o surgimento de novos partidos com base na literatura.

1.4 Hipótese

Parte-se da hipótese de que o surgimento do partido NOVO é consequência do anseio de algumas elites econômicas, provenientes de setores empresariais, em reduzir a influência

estatal sobre o setor privado. Estas elites consideram-se não representadas, e acreditam que suas bandeiras não são contempladas de forma satisfatória na arena política estabelecida.

1.3 Metodologia

A metodologia deste trabalho será baseada na análise de documentos partidários, como o estatuto e a ata fundacional, notícias e informações provenientes da internet, e a análise quantitativa dos dados disponíveis no TSE referentes aos fundadores, filiados e candidatos do partido, utilizando o software *SPSS*.

2 A TEORIA DOS NOVOS PARTIDOS

2.1 Contextualizando o surgimento de novos partidos

Nos sistemas democráticos representativos, os partidos políticos exercem um papel central, lançando candidatos para cargos públicos e agindo como representantes da vontade popular, expressa através do voto. O sistema político representativo partidário é, portanto, uma maneira sob a qual uma sociedade plural e complexa pode se ver identificada sob diferentes legendas e organizações. Estas agremiações, teoricamente, surgiriam para canalizar valores e projetos políticos dos setores da sociedade civil.

Dada esta realidade, qual a causa do crescente número de emergência de novos partidos? Estas agremiações conquistam seu espaço no Estado, e acabam por influenciar fortemente o processo macro político do desenvolvimento do sistema partidário e a consolidação efetiva da democracia (TAVITS, 2013).

Nas sociedades contemporâneas, portanto, os partidos políticos desempenham um papel fundamental, e dão forma a uma democracia de várias maneiras, revelando muito sobre um determinado sistema representativo, influenciando sua cultura, sua economia e sua estrutura política. Em suma, estas organizações dizem muito sobre determinado sistema político em que estão inseridos.

Além disso, dado que os partidos controlam o acesso às posições políticas disponíveis, e configuram-se como a porta de entrada ao exercício do poder público, a maneira como estes partidos se apresentam e como eles surgem torna-se uma questão central para o entendimento e a melhoria do desempenho nas democracias, especialmente para as democracias novas e pouco institucionalizadas da América Latina (MAINWARING & SCULLY, 1995).

Nas sociedades atuais, há uma vasta variedade de pontos de vistas, realidades sociais e interesses que buscam representação. A dificuldade de alcançar plena representatividade em uma sociedade civil tão plural e com interesses tão distintos torna árduo o pleno exercício de relação entre os partidos e os grupos sociais. Neste cenário, os partidos poderiam agir como uma ligação entre o aparelho estatal e a sociedade civil. No entanto, cada vez mais, os partidos se afastam do âmbito civil em direção ao aparelho estatal, aproximando-se das instituições e se distanciando dos eleitores. Como resultado deste afastamento, os partidos se tornam cada vez mais entrincheirados dentro das instituições estatais e começam a agir como agências regulatórias, ao invés de agremiações de representação civil (BIEZEN & RASHKOVA, 2012). Nesta situação, torna-se agravada a desconfiança civil e o afastamento da população dos partidos representativos, tornando estas democracias frágeis, o que se reflete

no crescente número de novas agremiações constantemente surgindo na arena política brasileira.

No caso do Brasil, há ainda um agravante que contribui para aumentar a tendência do surgimento de novos partidos. Em democracias jovens, como as presentes no nosso continente, o número de partidos políticos que surge tende a ser maior do que nas democracias maduras. De acordo com Margit Tavits (2007, pg. 133): “Na medida que as democracias amadurecem e as bases de apoio dos partidos se cristalizam, as elites de novos partidos antecipam receber cada vez menos apoio eleitoral, e decidem cada vez mais contra a entrada na arena política”.

Neste cenário de surgimento constante de novas agremiações, e da alta relevância destas siglas, surge, cada vez mais, o interesse e o foco na questão dos novos partidos na Ciência Política.

Tendo em vista todo o contexto apresentado até então, e dada a amplitude da bibliografia existente sobre novos partidos, além das diferentes razões apontadas para o surgimento dos mesmos, o presente trabalho classifica as razões para o surgimento de novos partidos em três grandes dimensões explicativas:

- 1) Mudanças sócio-estruturais: fraturas sociais, transformações, crises, mudanças de valores ou conjunturas e oportunidades históricas.
- 2) Condições Institucionais: sistemas eleitorais, características constitucionais, legislação partidária, etc.
- 3) Dinâmica dos Atores: cálculo das elites políticas, personalização, fatores psicológicos e culturais, etc. (KESTLER *et. al.*, 2013).

2.2 Mudanças sócio-estruturais

Mudanças nas estruturas de uma sociedade são fatores que levam ao surgimento de novos partidos. Em contextos de transformação e ruptura, ocorre a gênese de novas agremiações trazendo novas bandeiras políticas. Nesta realidade, podemos identificar a “vulnerabilidade” dos partidos instituídos em um país e a incapacidade de partidos velhos de atender a estes novos anseios de determinada sociedade (*New Politics*), o que pode contribuir, por exemplo, para o surgimento de partidos radicais com ideais antidemocráticos, como visto nos novos movimentos de extrema-direita na Europa. Alguns autores, entretanto, identificam aqui uma crise no sistema político representativo de forma geral, a qual estaria relacionada aos partidos e maneiras tradicionais de representação, que não são capazes de acompanhar as transformações sociais (IGNAZI, 1996).

Esta crise de agremiações clássicas, como os partidos de massa, observados por Duverger (1970), por exemplo, serve como demonstração de que transformações sociais e estruturais podem levar a mudanças de paradigmas que geram um “espaço” de representatividade. Isto é, frente a grandes mudanças de cenário, os anseios de uma sociedade podem se ver subitamente não representados em sua arena política, gerando este vazio que pode ser ocupado por novas agremiações.

Em contextos como este, no qual fica claro a fragilidade das estruturas partidárias, vale ressaltar que estas não necessariamente traduzem um declínio no sistema partidário de forma geral ou, ainda, a perda de relevância dos partidos políticos como formas de expressão dos anseios e decisões da sociedade civil (MAIR, 1995). Esta crise ou declínio na identificação de partidos tradicionais pode acabar por gerar um grande número de novos partidos na arena política de modo a preencher estes “espaços” abertos na opinião popular. Além disso, estas rupturas indicam que as pessoas estão menos identificadas ou vinculadas a partidos políticos específicos e cada vez mais independentes de vínculos a determinadas siglas, permitindo ao eleitor deste novo cenário ser um agente flexível, apto a trocar de partido sem o sentimento de traição ou culpa, favorecendo a entrada de novos partidos políticos no jogo eleitoral (IGNAZI, 1996).

Crises econômicas também produzem um forte impacto no surgimento de novos partidos. Quando a economia não vai bem, as novas agremiações possuem um argumento forte e relevante para mobilizar o eleitor, e os partidos existentes parecem mais fracos perante o mercado eleitoral, por aparecerem como impotentes diante da instabilidade econômica (TAVITS, 2007).

Em suma, fatores sócio-estruturais geram condições favoráveis para o surgimento de novas agremiações na arena política, mesmo em democracias maduras.

2.3 Condições Institucionais

Nesta segunda dimensão de análise, podemos apontar o exemplo da legislação partidária como importante fator que influencia o número de partidos que irrompem na arena política de um determinado país. Quanto maior e mais rigorosa a legislação para registro de uma nova sigla, e quanto mais desproporcionais as regras eleitorais se apresentam - ou seja, quanto mais as leis estabelecidas favorecem velhas siglas em detrimento às novas agremiações -, menores as chances de surgirem novos partidos, já que as elites políticas vão tender a não assumir estes riscos (TAVITS, 2007). Na questão de vantagens legislativas para a fundação de um novo partido, no caso brasileiro, podemos citar, por exemplo, a lei nº-11.459, de 21 de

março de 2007, substituta da lei de número 9.096, de 19 de setembro de 1995, que ampliou o acesso de novos partidos ao fundo partidário brasileiro, garantindo para o partido 5% do fundo partidário nacional no momento de seu registro no TSE, consolidando um capital inicial para qualquer partido sendo registrado. Além deste incentivo inicial para a agremiação, o fundo partidário garante outros 95% divididos entre todos os partidos que conquistaram a representação. Estas agremiações recebem uma quantia deste valor proporcional às cadeiras adquiridas nas últimas eleições para a câmara dos deputados. Por fim, ainda neste quesito, o Brasil não apresenta grandes empecilhos ou entraves legislativos significativos para a fundação de um novo partido.

É importante também, neste assunto, ressaltar que a legislação partidária de um país é de extrema relevância para o entendimento de sua arena política, fornecendo um panorama geral de sua democracia.

Atualmente, os partidos são alvo de um extenso conjunto de leis, configurando-se como fortes sujeitos de regulação estatal. Além disso, o descontentamento e a desilusão com os partidos políticos no mundo todo atuou como agravante para a institucionalização de legislações cada vez mais rigorosas. O caso do financiamento público para os partidos, questão de debate constante no Brasil, torna as agremiações ainda mais sujeitas à regulação estatal. Além disso, esta legislação pode ser utilizada como ferramenta para dificultar a entrada de novas siglas na arena política estabelecida. Neste cenário, partidos podem agir em conjunto para manter a sua hegemonia e evitar que novos grupos entrem no exercício do poder. Se esta estratégia for bem sucedida, é possível observar uma diminuição no surgimento de novos partidos na medida em que a legislação partidária cresce e se engessa (BIEZEN & RASHKOVA, 2012).

Nesta questão da legislação partidária como um fator central para o surgimento e sucesso para novos partidos políticos, Ingrid Van Biezen e Ekaterina Rashkova (2012) elaboram uma tipologia em quatro dimensões que podem afetar a estrutura de oportunidades, positiva ou negativamente, para os novos grupos que procuram ingressar na arena política. De acordo com as autoras, as categorias relevantes que podem ser definidas em quatro grandes áreas:

Party finance, party organization, party activity and identity and media access. Party finance encompasses the regulation of direct and indirect public funding, as well as the regulation of private sources of funding expenditures and requirements of reporting and disclosure. The category party organization includes rules applying to the extra-parliamentary organization (including registration requirements such as supporting signatures and registration fees), on the one hand, and rules applying to the political parties in their electoral capacity (such as electoral rules and formula as well as provisions on electoral campaigning and the fielding of candidates) on the

other. Party activity and identity contains rules that restrict certain forms of activity and behavior and prohibit the existence of certain ideologies and programmatic orientations (such as ethnic, religious, nationalist or extremist parties) Finally, the category media access includes the rules of allocation and restrictions to access to the public and private broadcasting media. (BIEZEN & RASHKOVA, 2012, p. 8)

Destas quatro dimensões de análise apontadas pelas autoras, a questão do financiamento partidário se apresenta como a dimensão mais fortemente regulada. Nesta dimensão, leva-se em consideração a importância do sistema presidencialista para o surgimento de um número maior de partidos, já que sistemas que possuem um presidente eleito diretamente aumentam a probabilidade de um partido irromper dentro da cena partidária, assim como o interesse das elites em participar do jogo político, já que, o surgimento de novos partidos está diretamente ligado ao cálculo racional das elites de participar do mercado eleitoral (TAVITS, 2007). Em um sistema presidencialista, as recompensas são mais interessantes, dado que um partido pode irromper na arena política e conquistar o poder executivo, logo, a possibilidade de ganho destas novas siglas se torna mais vantajosa (*ibidem*). Outros fatores desta dimensão que contribuem para o surgimento de novos partidos são, por exemplo, a legislação da troca partidária, o sistema de lista aberta ou fechada, entre outros.

2.4 Dinâmica dos Atores

Na última dimensão de análise, podemos levar em conta a confiança política de um país, a qual pode ser traduzida como a confiança que determinada sociedade deposita suas instituições políticas, questão que prejudica enormemente a democracia brasileira, além da Cultura Política e a trajetória política (MAINWARING & SCULLY, 1995).

Nesta faceta de análise, considera-se o cálculo das elites políticas para a fundação de novos partidos, ou a *Theory Of Strategic Entry*. De acordo com essa teoria, os partidos novos realizam um cálculo racional onde os mesmos analisam se a probabilidade de alcançar o seu objetivo político, seja ele vencer determinada eleição, ou simplesmente adquirir espaço público, é alta o suficiente para justificar os seus custos eleitorais (COX, 1997). No entanto, mesmo em democracias bem estabelecidas e sistemas partidários bem estruturados, onde a formação de novos partidos e, principalmente, o seu sucesso seriam custosos e arriscados, novos partidos continuam a surgir e, muitas vezes, conquistam espaço em arenas políticas tradicionais e bem instituídas. O que se apresenta, portanto, é a complexidade de explicar a real maleabilidade do sistema partidário, em especial, em casos de novas democracias fracamente institucionalizadas, como no caso do Brasil. Pode-se observar que a mudança rápida e em curto prazo do sistema partidário é relativamente frequente e regular, e

instabilidades no mercado eleitoral são parte crucial para o entendimento do constante surgimento de novas agremiações nas arenas políticas (LAGO & MARTINEZ, 2011).

De acordo com o cálculo estratégico das elites políticas para verificar a viabilidade de uma candidatura, um novo partido deve analisar quão interessante é participar da corrida eleitoral, baseado em suas chances de ganhar. Neste cálculo, Ignacio Lago e Ferran Martínez (2011) definem duas variáveis chaves:

[...] The first variable is the degree of institutionalization of the party system: The higher the degree of institutionalization, the lower the probability of change in the number of viable parties [...] once voters have developed strong loyalties for parties, politicians or ideological labels, or set voting habits, change is difficult and the likelihood that new parties will be viable is reduced.

The second variable [...] relates to the failure of the electoral market, elections can be seen as systems of exchange subject to equilibrating mechanisms. Voters' demands are anticipated and fulfilled within the political market when there are clearly established shared expectations about which parties or candidates are or are not viable [...] However, it is possible for political demands shared by a significant number of individuals to eventually be left unsatisfied and, therefore, the number of parties that voter are willing to vote for may be lower than the number of parties competing. This context would be one, but only one, possible cause of an electoral market failure. (LAGO & MARTÍNEZ, 2011, p. 7)

Levando em consideração a primeira variável-chave apontada pelos autores, fica claro que o caso brasileiro é um caso perfeito para o surgimento de um alto número de partidos na arena política. A baixa institucionalização partidária apresentada pelos países latino-americanos torna os seus sistemas partidários “abertos” para o surgimento constante de novas agremiações, já que os eleitores não apresentam nenhuma fidelidade especial a um partido específico ou a um político específico, tornando seus votos bastante elásticos, e prontos para serem alternados entre eleições, além de uma alta volatilidade eleitoral (MAINWARING & SCULLY, 1996).

A volatilidade eleitoral, dimensão importante para a análise de democracias novas e instáveis, é utilizada como mensuração dos padrões de variação do apoio eleitoral aos partidos estabelecidos (MAINWARING & TORCAL, 2006). A mesma permite medir a oscilação do voto em dois pares de eleições consecutivas, atestando a estabilidade ou instabilidade de um sistema partidário. Em democracias jovens, como no caso brasileiro, ocorrem baixos níveis de estabilidade eleitoral, atestando pouco apoio e enraizamento dos partidos na sociedade, além de poucos padrões e previsibilidades eleitorais, tornando a arena política mais caótica. De acordo com Mainwaring e Zoco (2006), a alta tendência à volatilidade eleitoral neste países com democracias recentes podem ser explicados pelos seguintes fatores:

(1) Em democracias recentes, como os partidos são novos, é necessária uma fase de adaptação e informação, para que se formem as preferências eleitorais (2) durante o processo de formação e consolidação do sistema partidário podem ocorrer cisões, fusões, extinção e criação de partidos, alternando, sobremaneira, o cenário da

competição eleitoral e da oferta político-partidária. Essas evidências podem ser explicadas, em parte, pelo processo de acomodação das elites políticas à nova realidade. (MAINWARING & ZOCO, 2006, p.160)

Na segunda variável-chave, também fica claro o caso brasileiro como um agravante. O eleitorado do nosso país apresenta uma série de instabilidades e volatilidade, consequência da insatisfação e do sentimento de não representatividade, criando oportunidades para o surgimento de novas agremiações que prometam satisfazer estas demandas, já que, altos graus de volatilidade eleitoral são tidos como evidência do baixo enraizamento dos partidos tradicionais em determinada arena política (BONH & PAIVA, 2009). Em suma, sob esta análise, o Brasil se apresenta como um país com um sistema partidário extremamente propenso ao surgimento de novos partidos, já que possui uma série de “espaços” a serem preenchidos no seu mercado eleitoral.

Além disso, as novas agremiações brasileiras podem receber um apoio satisfatório nas urnas, já que a insatisfação do eleitor pode ser traduzido de duas maneiras: através do não comparecimento às urnas ou através do voto em novas agremiações que prometem novas vias e alternativas (HIRSCHMAN, 1970). Neste segundo caso, o voto aparece como um protesto velado à velha política, representando a esperança do eleitor na “mudança”, que constantemente é utilizada como bandeira por partidos novos no Brasil para alavancar estes votos do eleitor insatisfeito.

Ainda nesta dimensão de análise, no cálculo racional das elites políticas em entrar no sistema partidário, como mencionado anteriormente, o sistema presidencialista se apresenta como um fator central - particularmente no caso brasileiro, onde o Presidente da República goza de amplos poderes, torna-se atrativo para um grupo fundar um partido político para adentrar rapidamente no sistema executivo e potencializar seus benefícios. Além disso, as taxas de entrada e registro de um novo partido são de extrema importância no cálculo de custo-benefício para o surgimento de uma nova sigla, conforme demonstrado anteriormente.

Um outro ponto de cálculo das elites políticas sobre as vantagens em fundar um novo partido está na probabilidade de suporte eleitoral, isto é, a expectativa das elites políticas fundadoras em receber apoio no mercado eleitoral. Em democracias novas, como no caso brasileiro, onde há muita instabilidade e incerteza no histórico eleitoral, não há muita garantia de voto em uma determinada sigla, já que os eleitores tendem a votar de modo volátil, e cada partido novo possui as mesmas chances práticas de ganhar (TAVITS, 2007). Esta volatilidade e incerteza, porém, possui um lado positivo para novos partidos, como coloca Margit Tavits (2007, p.117):

That is, although voters may not wish to waste their vote on a non-viable party, they simply cannot determine viability and are therefore unable to vote strategically. This, in turn, should encourage new entry as no party has a *priori* reason to believe that they will be strategically abandoned by voters [...] Frequent party switching and uncertain levels of partisanship in young democracies exacerbate the difficulty in predicting electoral viability.

Esta situação fica clara no caso brasileiro: uma democracia nova, com pouco histórico e estabilidade no voto, além de um baixo nível de identificação partidária e um alto índice de troca de partidos, que, como colocou a autora, criam um cenário propenso para que partidos novos possam adentrar na arena política e, apesar de não possuírem grandes garantias que serão eleitos, também não possuem razões para acreditar que serão rejeitados no mercado eleitoral. Estas condições, no entanto, tendem a se alterar ao longo do tempo, já que, com eleições regulares, a construção de uma cultura democrática e sufragista, a formação de uma historicidade de cooperação entre partidos e o enraizamento dos mesmos na sociedade civil, a incerteza eleitoral tende a ir diminuindo na medida em que o eleitor passa a se identificar com os partidos e estabelecer uma retrospectiva nos projetos de governo. Neste cenário de maior estabilidade e tradição eleitoral, os resultados e as expectativas de voto se tornam muito mais previsíveis, e a formação de novos partidos tende a se reduzir, graças à solidez da arena política e a forte relação entre os partidos tradicionais e os seus eleitores (TAVITS, 2007).

Porém, no contexto brasileiro atual, de uma democracia ainda bastante frágil, é claro o descontentamento público com as agremiações políticas, que pode ser percebido através dos significativos índices de votos nulos nas urnas. Em países com o voto nulo, os partidos novos correm o risco de perder grande parte dos votos da massa eleitoral que não possui identificação ou fidelidade partidária. Este voto nulo, portanto, coloca-se como um voto “anti-todos”, especialmente relevante no Brasil, onde uma cultura apolítica e apartidária se fortalece cada vez mais, em outras palavras,

New parties may not Always benefit from voter disappointment. Electoral rules in some countries, such as Russia and Ukraine, allow citizens to express their discontent more explicitly by offering voters the option to vote ‘against all’ [...] if such an opinion is available, protest voters that otherwise might benefit new parties may instead be voiced through the ‘against all’ option. To a certain extent, if the ‘against all’ option is significantly and negatively related to the vote share for new parties, it lends further support to the argument that voter disappointment is, indeed, largely responsible for the new party support. (TAVITS, 2007, p. 121)

No caso brasileiro, essa questão é extremamente relevante. Nas eleições para vereador na cidade de Porto Alegre no ano de 2016, por exemplo, houve 75.923 votos nulos, um total de 8,92% dos votos (UOL, 2016). Ora, isto demonstra que quase um décimo dos votos para a câmara de vereadores de Porto Alegre poderia ter sido destinada para o apoio à novos partidos, como o partido NOVO, que realizou a sua primeira eleição neste mesmo ano. Em

suma, o voto nulo traduz o descontentamento do brasileiro com os partidos políticos de sua região, e este mesmo voto representa também uma oportunidade para uma nova agremiação, já que atesta a desconfiança do eleitorado frente às siglas mais tradicionais.

2.5 O Projeto Newness: O que constitui um Partido Novo?

Exposto todo o debate até o presente momento sobre as três dimensões de análise referente ao surgimento de novos partidos, mudanças sócio-estruturais, condições institucionais e a dinâmica dos atores, a parte seguinte do trabalho direciona-se às questões: O que de fato constitui um novo partido? De que maneira um partido “novo” se qualifica como uma novidade? Em outras palavras, de que maneira é possível distinguirmos partidos que trazem novos elementos à arena política de partidos que apenas se apresentam como “novos”?

Barnea e Rahat (2010) argumentam que a construção do conceito de um “novo partido” não é, na verdade, apenas uma questão semântica, e afeta as interpretações da natureza de uma eleição, de um sistema partidário e das relações entre eleitores e partidos. Dada toda a classificação e escrutínio da Ciência Política em torno do fenômeno dos novos partidos, é evidente a importância de uma problematização do conceito de novo partido para o melhor entendimento da questão.

A Ciência Política não apresenta respostas prontas ou consenso sobre o fenômeno. Os autores possuem uma ampla série de critério para distinguir ou definir novos partidos, alguns mais restritivos e outros bastante amplos (BARNEA & RAHAT, 2010). Esta ausência de consenso na área dificulta nosso entendimento e comunicação, além de possíveis erros no processamento de dados e nas interpretações dos achados.

Barnea e Rahat (2010) observam que a falta de definição de um conceito de “novo partido”, portanto, constitui-se para nós como uma barreira para o progresso do estudo empírico acerca das agremiações partidárias e os fenômenos relacionados às mesmas. De acordo com os autores, os estudos necessitam desenvolver duas ferramentas para a solução da questão: uma *framework* para analisar o “nível” de novidade e uma definição teórica clara para os novos partidos. Os autores apresentam então a *framework* do *Newness* para direcionar estas questões e cumprir dois objetivos: prover os estudiosos com critérios para a operacionalização do *Newness* em diferentes aspectos de um partido e prover os estudiosos com uma classificação que permita definir se um partido é novo, semi-novo ou velho. A *framework* do *Newness* apresenta o mesmo como uma variável não dicotômica gradual, isto é, permite avaliar o nível de *Newness* de um partido, ao invés de apenas determinar se “possui” ou “não possui” *Newness*. (BARNEA & RAHAT, 2010).

Os partidos são organizações adaptáveis e mutantes. Eles se alteram, renovam-se e transformam-se frente às constantes alterações na realidade social, política e cultural. (BARNEA & RAHAT, 2010). Frente à esta realidade de constante mudança, os autores reiteram a importância de uma análise que leve em consideração diversas dimensões, de forma multifacetada, sistêmica, compreensiva e comparativa, dada a complexidade do problema de definir novidade em partidos e sistemas políticos. Os autores partem da definição de Key (1942) das três faces ou aspectos do partido político: partido no eleitorado, partido como organização e partido no governo. Nesta tipologia, Barnea e Rahat (2010) propõem oito dimensões de análise relacionadas às três faces partidárias (Quadro 1). Dentro destas, entram em análise os atores políticos, sob a face *eleitorado, militantes e representantes*. Elas também incluem as principais características de um partido, *a nomenclatura da legenda e a ideologia*. Incluem também as características que representam um partido para os seus eleitores, o *status legal/formal* e as *instituições internas* e, por fim, o *programa* do partido. (BARNEA & RAHAT, 2010).

A nomenclatura de legenda é a questão mais básica que um partido transmite aos seus eleitores. Dentro desta dimensão de análise, é possível distinguirmos três possibilidades: um partido que mantém uma sigla de um partido antigo é entendido nesta questão como um partido antigo; enquanto que um partido que utiliza uma nomenclatura totalmente nova, é entendido nesta análise como novo; e, por fim, um partido pode escolher utilizar uma nomenclatura parcialmente nova, isto é, não exatamente igual a de um partido antigo mas com traços do mesmo, sendo, neste caso, entendido como semi-novo (BARNEA & RAHAT, 2010).

Quadro 1 – Operacionalização do *Newness*

Face do Partido	Critério	Definição Operacional
Partido no Eleitorado	Nomenclatura da Legenda	O nome é genuinamente novo ou contém um nome de um partido antigo?
	Ideologia	Quão diferente é a plataforma do partido “novo” em relação à plataformas de partidos antigos?

	Eleitorado	Quão diferente é a base eleitoral do “novo” partido em relação à base eleitoral de partidos antigos?
Partido como Organização	Status Formal/Legal	O partido é registrado como novo?
	Instituições Internas	As instituições internas do partido são separadas e diferenciadas dos antigos partidos?
	Militantes	O partido “novo” possui novos militantes?
Partido no Governo	Representantes	Os principais candidatos são novos? (Não-incumbentes)? A maioria ou todos vieram de um único partido?
	Programa	Quão diferentes é o programa do partido “novo” em relação ao programa dos partidos antigos?

Fonte: Barnea e Rahat (2010, p. 306, tradução própria)

Na dimensão de análise de Ideologia, um partido é dado como novo quando adota valores, interesses ou identidades não defendidos previamente, um partido com promoção de novas questões, ou questões que eram secundárias até então (BARNEA & RAHAT, 2010). Na questão do eleitorado, uma legenda é tida como nova pela análise quando traz eleitores “novos”, isto é, votos que não estão atrelados a quaisquer políticos que tenham feito parte da fundação ou dissidência que formou a sigla (*ibidem*).

Na primeira dimensão de análise da agremiação como organização, Barnea e Rahat (2010) apontam o status formal/legal para a análise. Esta questão, diferente das outras, é

bastante direta e dicotômica, definindo um partido como novo quando este foi devidamente regulado e inscrito como uma nova agremiação.

O segundo critério de análise do partido como organização é a da instituição interna do partido. Nesta análise, um partido é tido como altamente novo quando uma agremiação constrói sua instituição interna do zero, sem a utilização de instituição pré-estabelecida. Um partido que utiliza a base institucional de um antigo partido é tido como um antigo partido tal qual nesta dimensão de análise, enquanto que uma nova sigla que reconstrói velhas instituições de partidos antigos pode ser entendida como um grau moderado de *Newness* (BARNEA & RAHAT, 2010).

O critério final para a análise do partido como organização se refere aos militantes. Nesta análise, quanto mais militantes novos forem registrados, ou seja, militantes que não “imigraram” de um antigo partido, maior será o grau de *Newness* do partido. (BARNEA & RAHAT, 2010).

Na última categoria, o partido no governo, a primeira dimensão de análise apresentada é a dos representantes. Nesta, um partido é tido como um alto grau de *Newness* se o mesmo apresente representante não incumbentes. Se o partido apresenta representantes não incumbentes, todos originários de um mesmo partido, isto é tido como sinal de um pseudo-novo partido (baixo grau de *Newness*). E, por fim, se o partido apresenta representantes incumbentes, porém originários de diversas agremiações, o partido é tido como um caso moderado (*ibidem*).

O critério final é o do programa de um partido. Neste caso, os autores reconhecem a dificuldade de perceber as nuances entre o programa do “novo” partido e os demais programas dos antigos partidos. Entretanto, Barnea e Rahat (2010) afirmam ser possível identificar diferentes níveis de inovação entre os programas propostos (*ibidem*).

Dada as dimensões que definem a *framework* proposta e permitem que seja definido o grau de *Newness* apresentado por um partido tido como novo, é importante ressaltar a complexidade da análise proposta, assim como suas limitações. Barnea e Rahat (2010, p.308) definem a questão:

These criteria are intended to serve as a basis for estimating and measuring the level of ‘newness’ of parties. As such, they can serve to identify long-term developments within parties and across them. Instead of distinguishing between ‘old’ and ‘new’, we treat ‘newness’ as a non-dichotomous quality. However, admittedly, in the field of party politics, the concern with newness is usually instrumental; it is a means to measure and analyze other aspects of the political system, mainly the party system. Such analyses can use a calculated variable of newness on the basis of the framework proposed above. Yet, it can be expected that – for the sake of simplicity and parsimony – such studies would tend to treat ‘newness’ as a clear-cut

dichotomous variable. We are thus also interested in setting a standard, a threshold, which separates the ‘new’ parties from the old ones.

Reiterando as observações dos autores referente às limitações da *framework*, vale ressaltar que a questão da novidade de um partido vai muito além do semântico, e é, na verdade, uma questão central que deve ser analisada para o melhor entendimento da dinâmica política, da estabilidade, continuidade, desenvolvimento ou mudança de um partido.

Portanto, o que está proposto é a análise de um “grau” de novidade (*Newness*) de um partido, e não a sua definição como novo ou não, simplesmente. O conceito de novidade aqui operacionalizado é definido pelo grau de *Newness* apresentado por determinado partido após a análise individual de cada uma das dimensões apontadas na *framework*.

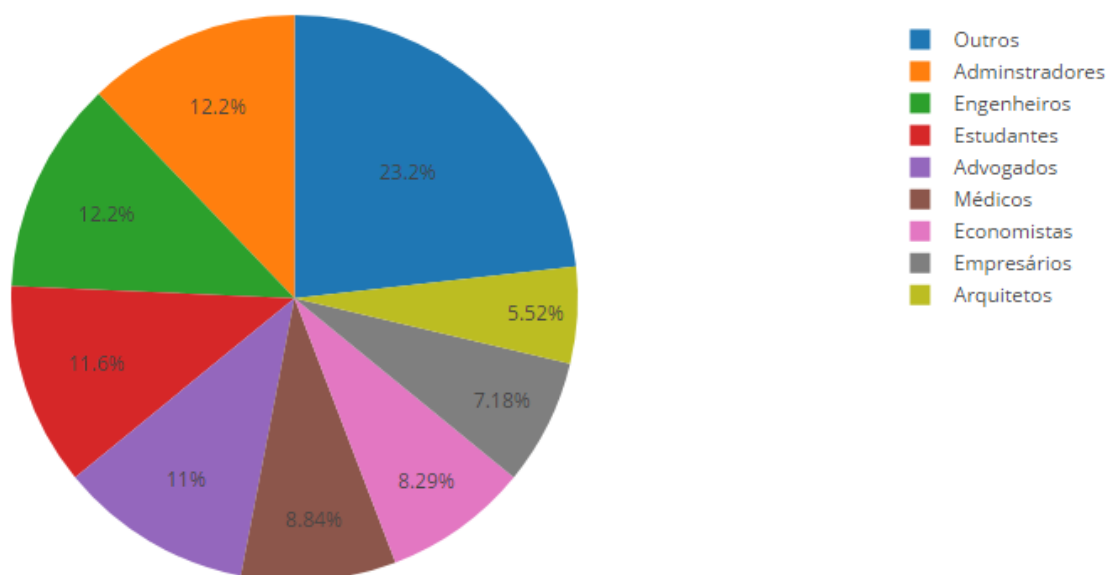
3 O PARTIDO NOVO

3.1 A Fundação e os Fundadores

Nesta parte do trabalho, propõe-se analisar os diferentes aspectos do partido NOVO, com a finalidade de traçar-se um perfil e entender o contexto, posicionamento e situação do partido. Em primeiro lugar, iniciaremos com o estudo dos fundadores do partido e o contexto de sua fundação, assim como uma análise dos mesmos baseada em informações disponíveis na ata de fundação partidária.

O Partido teve sua ata de fundação e registro do seu programa, estatuto e declaração de princípios no dia 12 de Fevereiro de 2011 na cidade de Brasília, no Distrito Federal, tendo sido registrado oficialmente no TSE no dia 15 de Agosto de 2015². A Ata fundacional contou com a presença dos 181 fundadores e signatários iniciais, tendo como presidente e dirigente nacional provisório João Dionísio Filgueira Barreto Amoêdo e vice-presidente e vice dirigente nacional Marcelo Lessa Brandão. Referente à situação profissional dos fundadores, percebe-se uma homogeneidade de profissões técnicas de alto rendimento, ilustrando a classe social dos fundadores do partido de forma bastante clara (Gráfico 1). A grande maioria das profissões apresentadas entre os envolvidos no ato de fundação são as de empresário, engenheiro, advogado, médico, economista e administrador.

Gráfico 1 – Profissão dos Fundadores

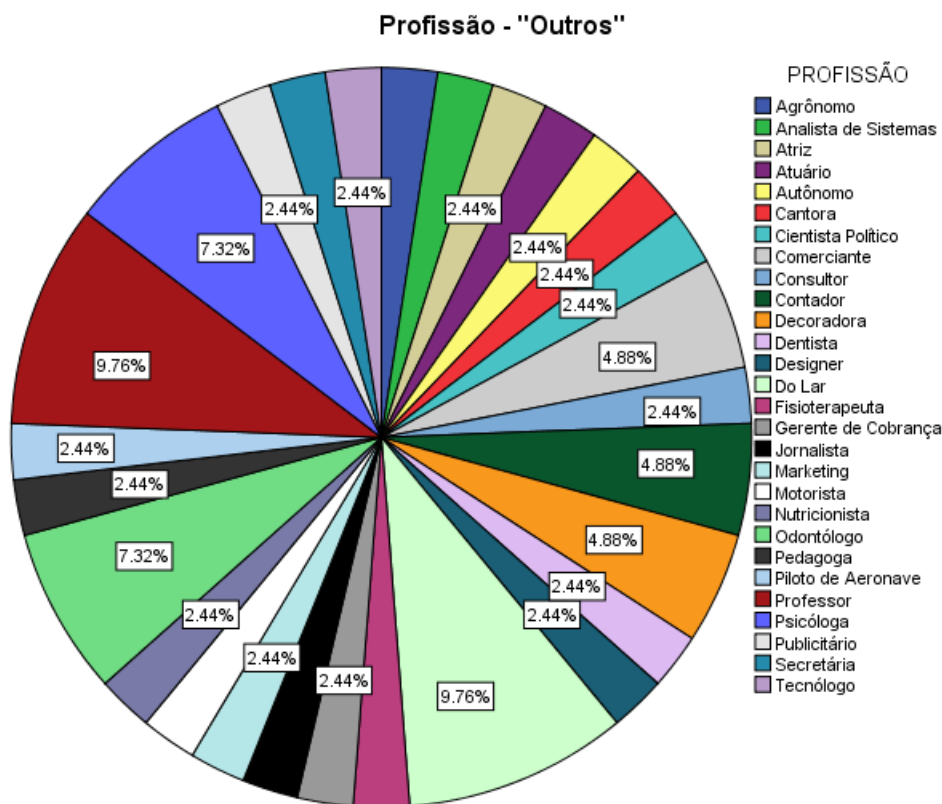


² PARTIDO Novo. TSE.jus.br. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/partido-novo>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

Fonte: <<http://novo.org.br/partido/quem-somos/>>.

Analizamos primeiramente o gráfico apresentado no site oficial do partido. Nele, fica claro o alto nível técnico apresentado entre os fundadores, revelando a situação socioeconômica do perfil dos mesmos. Os 42 fundadores presentes na assinatura da ata inicial estipulados neste gráfico como “outros” são atuantes profissionais de outras 27 áreas profissionais (Gráfico 2), apresentados em seguida discriminados.

Gráfico 2 – Profissão dos “outros” Fundadores

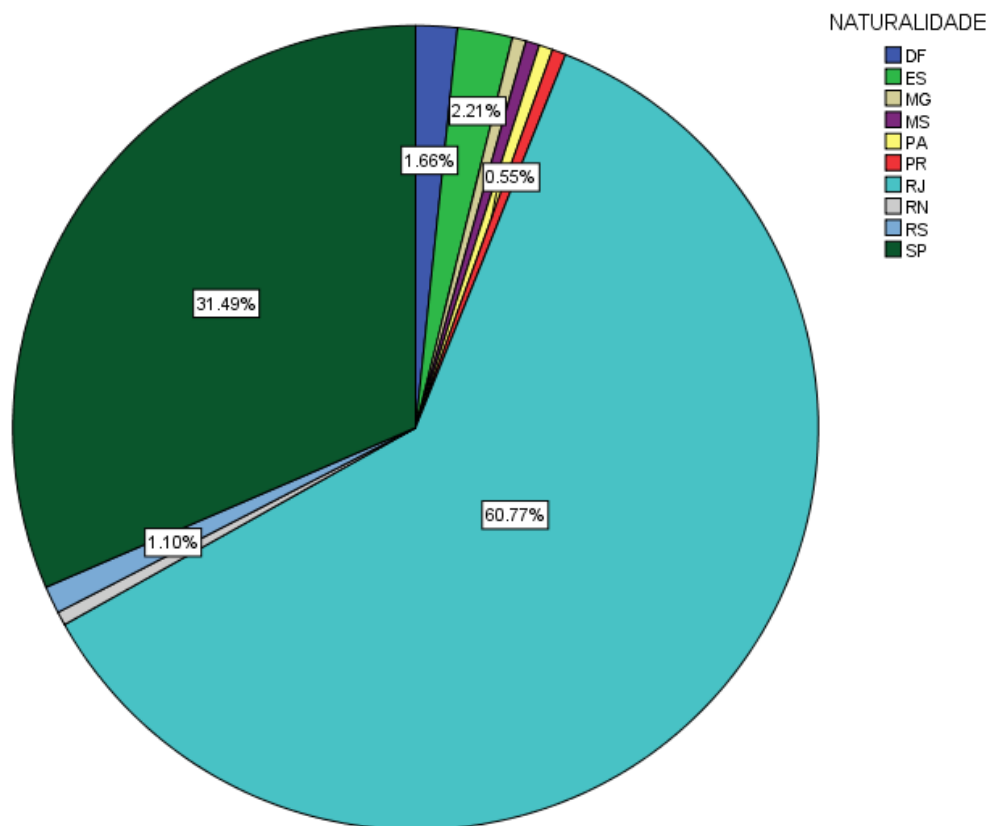


Fonte: Elaboração própria.

O partido NOVO se apresenta como uma agremiação composta por indivíduos atuantes em distintas carreiras profissionais, uma característica importante para analisarmos o partido em questão e traçarmos o seu perfil.

A próxima questão relevante é a naturalidade dos fundadores por estado brasileiro (Gráfico 3). De quais unidades da federação vieram os envolvidos na fundação do partido? Quais estados foram mais expressivos na gênese da agremiação?.

Gráfico 3 – Fundadores do partido por naturalidade



Fonte: Elaboração própria.

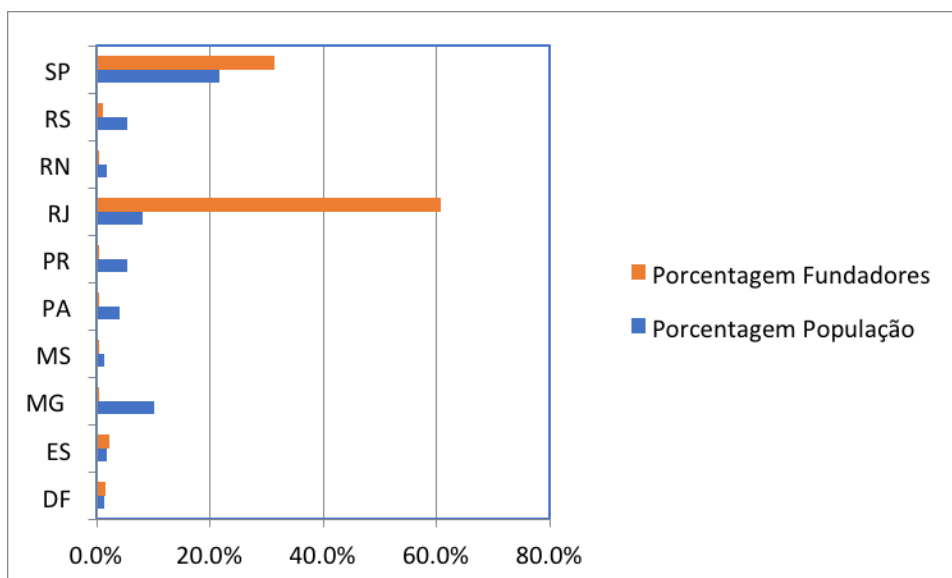
Com a visualização do gráfico, é bastante claro a hegemonia dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, somando mais de 91% dos fundadores em análise. Os outros estados contribuem com 2,21%, no caso do Espírito Santo; 1,66% no caso do Distrito Federal; 1,10% no Rio Grande do Sul; e 0,55% no caso das demais Unidades Federativas.

No entanto, para a melhor visualização do dado, é interessante levarmos em consideração o peso populacional de cada estado, ou seja, a porcentagem populacional de cada Unidade Federativa em relação à população total do Brasil (Gráfico 4).

No gráfico apresentado, fica clara a distribuição dos fundadores do partido NOVO através do território nacional. Levando em consideração na análise o peso populacional de cada estado na população total da União, visualiza-se mais claramente a concentração dos fundadores da sigla no Estado do Rio de Janeiro, além de percebemos um maior impacto no número de fundadores no Distrito Federal e no Espírito Santo, em relação a sua população, consideravelmente menor. Por fim, tendo em vista o peso populacional do estado de São Paulo, torna-se mais evidente a razão da alta porcentagem de fundadores nesta unidade

federativa. Quanto ao gênero dos analisados, a questão se apresenta de forma bastante equilibrada, com 60% de homens e 40% mulheres.

Gráfico 4 – Fundadores do partido por UF com porcentagem populacional



Fonte: Elaboração própria.

Em suma, os envolvidos na assinatura da ata fundacional do partido NOVO são, em sua maioria, atuantes profissionais em cargos de alto nível técnico, o que nos aponta para uma situação socioeconômica favorável e um alto nível de educação formal dos fundadores. Além disso, são, na maioria, homens.

Traçado o perfil completo dos fundadores em cima do material disponível, analisaremos, a seguir, o programa do partido, entrando, enfim, na discussão ideológica, programática e dos valores do partido.

3.2 Programa, Ideologia e Valores

O Partido NOVO é essencialmente um partido de projeto e identificação liberal. De modo a elucidar melhor a questão programática e ideológica do partido, proponho aqui uma breve contextualização do liberalismo clássico e do neoliberalismo e, especialmente, as condições particulares que os mesmos foram e são adotados para o caso brasileiro.

3.2.1 O Liberalismo e o Neoliberalismo

Não há, de fato, como estabelecer um consenso acerca de um conceito de liberalismo único e mundial, já que o discurso liberal sofre e sofreu muitas transformações, além de surgir e sofrer alterações de forma diferente em cada país, devido ao contexto histórico em que é adotado.

O pensamento liberal clássico surgiu na Europa no século XVIII com profundas raízes no movimento iluminista. Este novo ideário liberal trazia consigo uma nova concepção de homem, indivíduo, liberdade e Estado. O ideário liberal tradicional pode ser dividido em três campos: o campo jurídico, o campo político e o campo econômico. No campo jurídico, podemos destacar a luta pelos direitos individuais e fundamentais da segurança e da propriedade. No campo político, podemos citar, por exemplo, a defesa da representação política, da legitimidade do poder através do consentimento dos cidadãos e dos valores da cidadania. E, no campo econômico, questão central para o liberalismo, temos como valores centrais do ideário a defesa da propriedade privada, o não intervencionismo do Estado na economia, a livre concorrência e o livre-câmbio, a liberdade de contrato, a autorregulação do mercado através da lei da oferta e da procura, o combate ao monopólio, a defesa do *laissez-faire* e a divisão internacional do trabalho (BARTH, 2008).

Porém, conforme mencionado anteriormente, este ideário não é sólido, e sofre alterações que estão subjugadas ao contexto em que ele é adotado. Vejamos agora a questão de como este discurso foi adotado no Brasil. Primeiramente, é importante ressaltar que, enquanto os ideais liberais clássicos eram adotados na Europa e nos Estados Unidos, países onde a revolução industrial já ocorrera, e a industrialização e o capitalismo moderno funcionavam a pleno vapor, o Brasil constituía-se como um país agrário, formado por oligarquias agrícolas e um Estado muito pouco desenvolvido. Neste cenário, o liberalismo foi adotado no Brasil sob um contexto bastante contraditório em comparação ao liberalismo europeu, e esta contradição foi central durante todo o seu desenvolvimento e adaptação para o caso brasileiro (BARTH, 2008).

Antonio Paim (1977) fazia a divisão do liberalismo brasileiro em três círculos: o primeiro círculo do liberalismo no Brasil teve seu início no século XIX e durou até a revolução de 1930. Durante este ciclo inicial, o liberalismo foi fortemente influenciado pelas ideias iluministas, republicanas e positivistas. Suas principais bandeiras neste momento eram a abolição da escravatura e o federalismo. Como mencionado anteriormente, o liberalismo brasileiro possuía uma série de contradições com o liberalismo clássico. Nesta etapa, o ideário foi adotado por elites agrárias do centro-sul do país, e, como consequência dos interesses de classe deste setor, o liberalismo brasileiro pregava o protecionismo estatal sobre as produções agrícola e industrial, uma clara contradição.

O segundo grande ciclo liberal brasileiro ocorreu durante a Era Vargas, de 1930 à 1945. Nesta etapa, começou a ser revelada a face do liberalismo autoritário brasileiro, em clara afronta aos ideais do liberalismo clássico europeu. Graças à influência positivista e o

caráter altamente elitista do cenário político brasileiro, os liberais do país acreditavam que apenas alguns poucos escolhidos podiam governar, e enxergavam o povo como incapaz de alcançar o poder. Neste contexto, o liberalismo brasileiro abandonou os ideais de representação política e legitimidade do poder do povo presentes no liberalismo europeu e começou a pregar um golpe político como via para assumir o controle do Brasil.

O terceiro círculo é dividido por Paim em duas fases: a primeira vai até 1960, enquanto que a segunda inicia em 1970 e vigora até o hoje, englobando o período do chamado neoliberalismo, o qual discutiremos mais tarde. A primeira fase, de 1945 à 1960 é intitulado pelo autor como o período do autoritarismo instrumental. Neste contexto, uma vertente liberal da sociedade brasileira se opunha ao autoritarismo de Vargas e às suas políticas sociais, as considerando como populistas. Na segunda fase, a partir dos anos 1970, surge a corrente chamada de neoliberal (PAIM, 1996).

No período que se seguiu aos anos 1970, surgiram no Brasil os principais pensadores liberais modernos do país, como Miguel Reale e Roberto Campos, fundou-se o Partido Liberal (PL) e o Partido da Frente Liberal (PFL), mais tarde refundado como Democratas (DEM) (BARTH, 2008).

Em suma, ficam claras as contradições do liberalismo clássico no país e suas diferenças em relação ao liberalismo europeu. Tendo em vista estas questões, não é possível tratarmos o liberalismo como algo único e sólido em todos os lugares do mundo e em todos os contextos históricos.

O liberalismo brasileiro pode ser considerado, durante vários momentos de sua trajetória no Brasil, como uma ideologia inteiramente única - em diversos momentos, inclusive, defendendo a intervenção estatal e o autoritarismo. As elites políticas brasileiras deturpam fortemente o ideário liberal clássico para que o mesmo fosse condizente com seus próprios interesses em determinado momento.

Analisemos agora a corrente Neoliberal e suas principais crenças. O neoliberalismo surgiu como uma nova vertente do liberalismo em um contexto de crise de paradigmas. Os dogmas do ideário liberal clássico já haviam sido fortemente questionados e não mais se encaixavam no novo capitalismo global. O neoliberalismo acredita que o mercado tem a capacidade de autorregulação. Esta seria dada através de leis férreas, como a da oferta e da procura, e toda intervenção estatal acabaria por criar setores desprivilegiados, aumentar o custo e a burocracia dos serviços oferecidos, bem como prejudicar a liberdade e autonomia do indivíduo. Além disso, o neoliberalismo acredita que os gastos governamentais acabam por

aumentar a taxação, prejudicando a competitividade do mercado e aumentando o desemprego e o custo de vida (BARTH, 2008).

Em outras palavras, o neoliberalismo acredita na livre concorrência do mercado, em clara oposição à visão do Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*), partindo do princípio que todos os serviços que não são de exclusiva função do Estado, como segurança pública, devem ser exercidos pela propriedade privada, a qual, em seu ver, é mais eficiente e menos dispendiosa.

Dada esta breve discussão sobre o ideário liberal, podemos visualizá-lo no programa do partido NOVO e seus valores e projetos para o Brasil, os quais analisaremos a seguir.

3.2.2 A Declaração de Princípios, Valores e Diferenciais do Partido NOVO

O Partido surge, de acordo com a sua própria declaração de princípios, como uma opção de “simplicidade, seriedade, transparência e eficiência” na arena política brasileira. Ainda neste documento, os autores separam os objetivos do partido em três grandes tópicos: Sociedade, Partido e Estado.

Nos objetivos de sociedade, os signatários declaram buscar a criação de um “novo espaço no cenário político nacional”, “fomentar o senso de cidadania dos indivíduos” e atrair pessoas que estejam dispostas a contribuir com “ideias, esforços, talentos e competências em prol do bem comum”.

Nos objetivos da organização como partido estão a de se tornar uma “plataforma institucional” para que indivíduos que possuam a mesma ideologia do partido NOVO possam participar da vida pública. Além disso, a organização visa a estabelecer uma estrutura partidária que se mantenha ao longo do tempo, preservando os valores e identidade do partido e minimizando os riscos de interesses individuais se sobreporem ao interesse coletivo, além de “diferenciar, em razão das finalidades e prioridades, a gestão partidária da gestão pública”.

Na questão dos objetivos do partido para o Estado brasileiro, os fundadores definem duas diretrizes: atuar com eficiência na gestão pública com zelo pela constituição Federal brasileira e gerir o patrimônio público e os recursos arrecadados com os critérios de “racionalidade, eficiência e honestidade”, visando a melhoria dos serviços e o aumento de sua abrangência.

Ainda de acordo com a declaração de princípios do partido, os fundadores declaram acreditar que:

A vida em sociedade é necessariamente política. Pode-se escolher entre ser governante ou ser governado. Contudo, não se pode fugir da organização política da sociedade nem deixar de fruir ou sofrer as consequências dela.

Entendemos que um Estado Democrático que defenda os direitos individuais, a liberdade de expressão, a transparência, a excelência da gestão pública e o desenvolvimento sócio econômico sustentável é a forma adequada de construirmos um Estado justo.

Os recursos do Estado são finitos. Por isso, acreditamos que governar é definir prioridades. Acreditamos ser possível buscar a dignidade do governante e a dignidade do governado. Com direitos e deveres recíprocos e recíprocas prestações de contas. Acreditamos no homem competente e consciente, atento à administração da sociedade em que vive.

Acreditamos que a escassez de recursos do Estado exige uma gestão eficiente. Entendemos como eficiente a gestão que separa o patrimônio público do privado, respeita a ambos, e distribui os respectivos benefícios com medidas de honestidade e justiça social. E, sobretudo, entendemos eficiente a gestão que, consciente de que os impostos arrecadados custam caro à sociedade, concebe e pratica o governo de forma planejada, a curto, médio e longo prazo, valendo-se do desenvolvimento do conhecimento humano para buscar solução adequada e a custo razoável para os principais desafios sociais. Gestão eficiente só se faz com gestores eficientes. (Ata de criação do partido NOVO, declaração de princípios, p. 44, 2011)

Outros valores centrais do partido estão disponíveis em seu site oficial. Nestes valores e diferenciais do partido, estão citados a liberdade individual com responsabilidade (os direitos e deveres como valores fundamentais), o indivíduo como gerador de riquezas (financiador do estado e dos serviços públicos através de seus impostos), o princípio da igualdade perante a Lei e o princípio do livre mercado.

O partido também possui como valor central a visão de que o mercado oferece os mesmos serviços que o Estado de maneira mais eficiente, e o ideário do indivíduo como agente de mudanças. Outros valores da sigla incluem a visão de longo prazo na administração pública, o princípio da Ficha Limpa para filiados e candidatos, a limitação do carreirismo político, a vinculação do candidato às suas propostas, a gestão independente e a igualdade de contribuição partidária para filiado e eleito³. Dado os valores e ideário do partido, fica clara a sua proposta liberal. Na visão do partido, é transparente a influência dos ideais liberais clássicos discutidos anteriormente, como a autonomia do indivíduo, a redução da intervenção do estado, a privatização de serviços e o livre mercado.

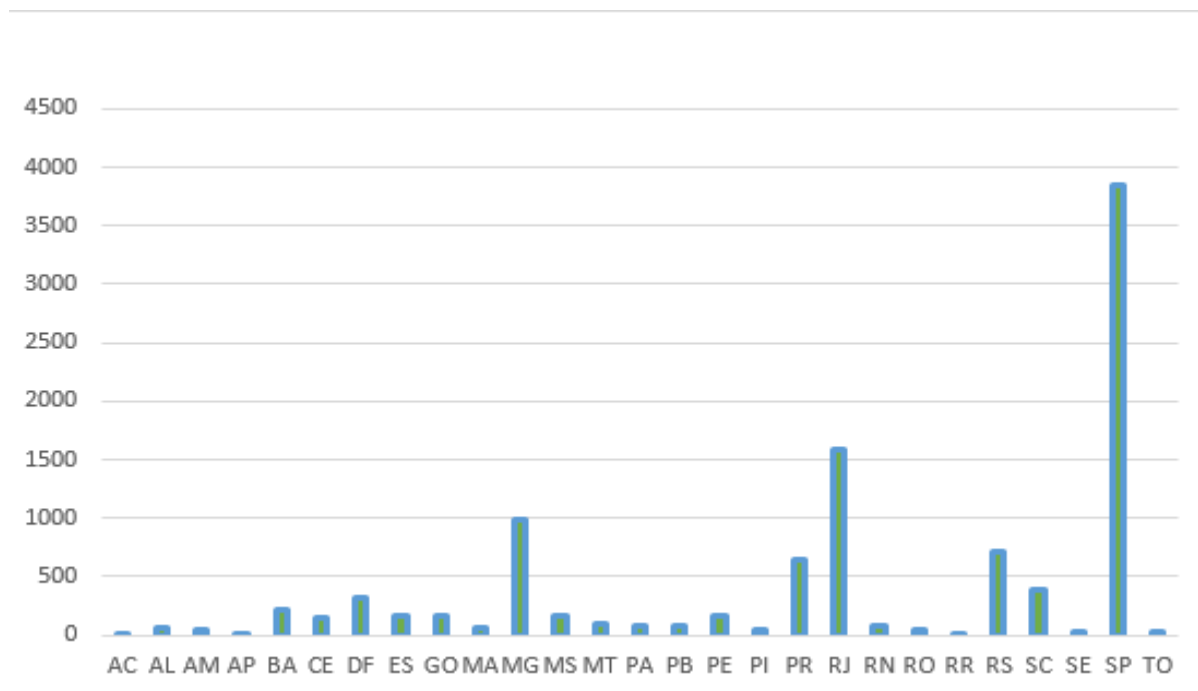
3.3 Os Filiados

Na presente parte do trabalho, será feita uma análise quantitativa dos filiados do partido NOVO no território nacional, ou seja, apresentar em quais estados está concentrando a base filiada da agremiação. É pertinente a análise deste dado para melhor entendermos o foco de atuação do partido.

³ VALORES & diferenciais. **Novo.org.br**. Disponível em: <<https://novo.org.br/partido/valores/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

Em números reais, o partido conta atualmente com 10.189 filiados, distribuídos pelas 26 unidades federativas e no Distrito Federal⁴. Fica clara a forte presença dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (Gráfico 5). Porém, há também números expressivos de filiados nos estados de Minas Gerais, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e no Distrito Federal.

Gráfico 5 – Filiados por Unidades Federativas (números absolutos)



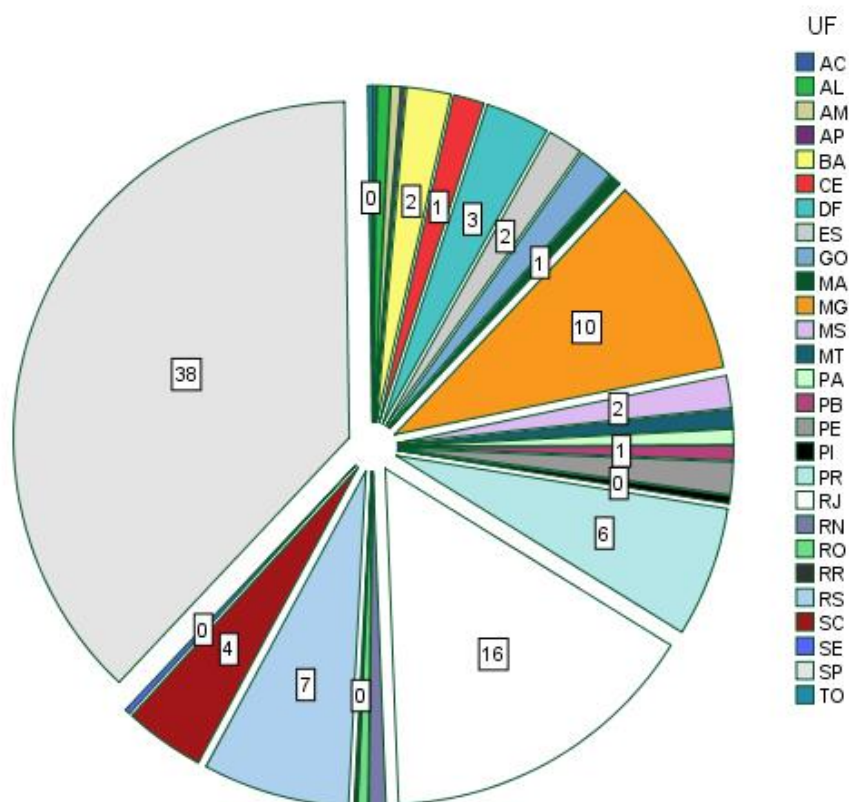
Fonte: Elaboração própria (dados TSE).

Como percebemos no Gráfico 5, quase quatro mil dos filiados (3.847) são oriundos de São Paulo, dado que traduz a força da base militante na região. Os outros dois estados com o maior número de filiados do partido NOVO são Rio de Janeiro, com 1.586 filiados, e Minas Gerais, com 993 filiados⁵.

Para a melhor visualização da maioria absoluta de filiados presentes nestes três estados, vale ressaltar os dados sob a forma de porcentagem (Gráfico 6). Sob este cenário se torna mais claro a observação da centralização da militância do partido em unidades federativas chave.

⁴ RELAÇÃO de filiados. **TSE.jus.br**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/filiacao-partidaria/relacao-de-filiados>>. Acesso em: 20 out. 2016.

⁵ *Ibidem*.

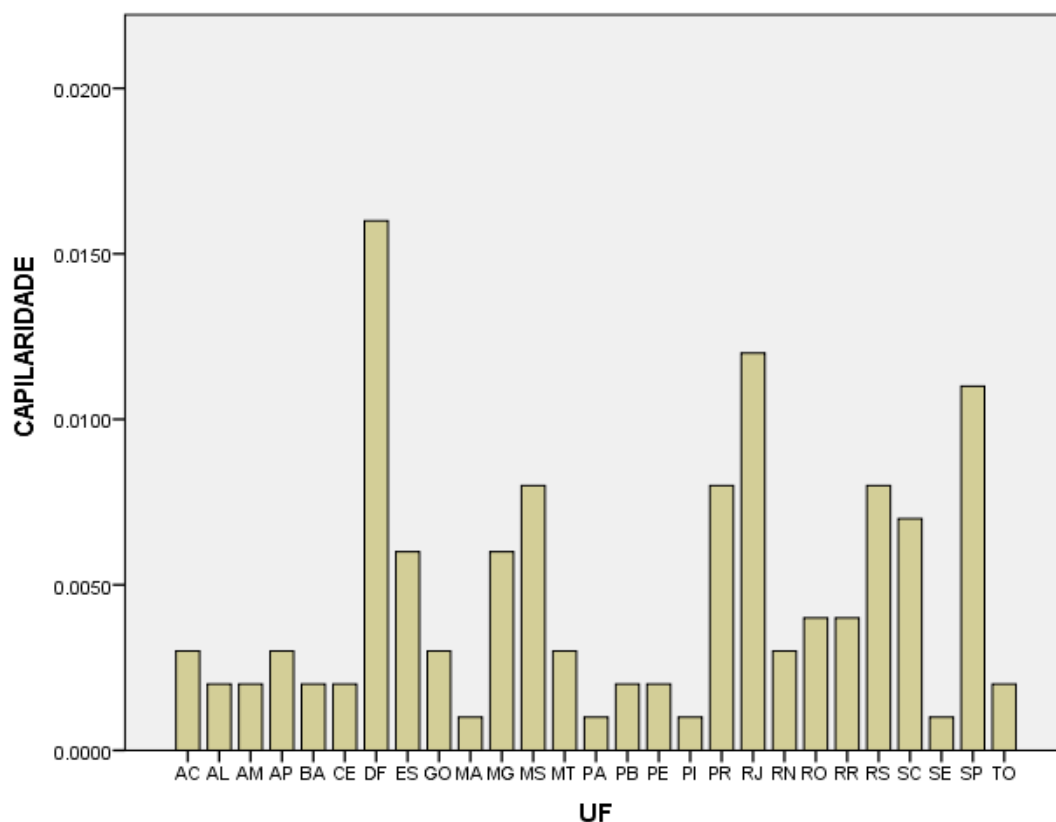
Gráfico 6 – Filiados por Unidades Federativas (porcentagem)

Fonte: Elaboração própria (dados TSE).

Como informado anteriormente, neste último gráfico apresentado, fica mais clara a importância de certos estados para a base de filiados do partido. Vale ressaltar novamente a importância de São Paulo, tanto na fundação quanto na base militante do partido NOVO. O estado apresenta quase 40% dos filiados no país, quantidade duas vezes maior do que o segundo maior estado para filiados do partido no Brasil, o estado do Rio de Janeiro.

Vale ressaltar, é claro, que as análises foram realizadas em cima dos números absolutos de filiados do partido, sem levar em consideração uma análise proporcional da base eleitoral de cada estado. Dado o alto número de habitantes em alguns estados-chave, como São Paulo, por exemplo, é natural que os mesmos apresentem números maiores de filiados. Portanto, é necessário analisarmos a capilaridade do partido em cada estado, isto é, a porcentagem que o número de filiados representa no número total de eleitores em cada uma das unidades federativas (Gráfico 7).

Gráfico 7 – Capilaridade por Unidades Federativas (porcentagem)



Fonte: Elaboração Própria (Dados TSE).

Na análise deste gráfico, percebe-se novamente a importância de estados-chave para o partido, como São Paulo e Rio de Janeiro. Porém, com a análise da capilaridade, podemos perceber grande penetração no Distrito Federal, região onde houve a maior porcentagem de filiados em relação aos eleitores da unidade federativa. Outros estados que apresentam uma capilaridade relativamente maior são os da região Sul (Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul), assim como o Mato Grosso do Sul.

3.4 Representação Midiática

O Partido NOVO possui uma forte presença nas mídias sociais e virtuais, plataformas muitas vezes negligenciada pelas agremiações políticas brasileiras. A sigla conta, atualmente, com 1.263.060 “curtidas” (*likes*) no Facebook⁶, um número extremamente expressivo para um partido fundado recentemente. A nível de comparação, o Partido dos Trabalhadores tem, em sua página oficial, 1.143.734 curtidas⁷; o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB),

⁶ NOVO 30. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/NOVO30/?ref=br_rs>. Acesso em: 13 nov. 2016.

⁷ PARTIDO dos Trabalhadores. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pt.brasil/>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

aparece com 1.366.452 curtidas⁸; enquanto que o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) possui apenas 64.475 curtidas⁹. Percebemos, então, a relevância do partido NOVO na principal plataforma de rede social, sendo a segunda sigla com maior número de curtidas, atrás, apenas, do PSDB, mostrando a magnitude da agremiação na mídia virtual, ficando em pé de igualdade com os maiores partidos do Brasil, e superando enormemente, nesta plataforma, a presença de siglas com muita tradição na arena política brasileira, como o PMDB. Isto é resultado de uma estratégia da agremiação de focar a divulgação via *internet*, uma forma realmente nova de se promover e que muitos partidos tradicionais negligenciam.

Na presença em grandes revistas periódicas brasileiras, o partido NOVO é recebido calorosamente, sempre ressaltando seus ideais liberais diferenciados na arena política nacional. A mídia impressa e digital destes periódicos desenharam uma imagem de esperança e renovação em cima do partido NOVO. Logo após a oficialização do partido junto ao TSE, a revista *ÉPOCA* publicou uma reportagem sobre a fundação da sigla, retratando como “o intruso liberal na política brasileira”, e afirmando que a legenda “furou o bloqueio das forças políticas tradicionais” ao se habilitar como partido oficialmente (FUCS, 2015). A revista *EXAME*, no mesmo período, realizou uma entrevista com o fundador e presidente do partido João Dionísio Amôedo com uma postura mais crítica, com perguntas focadas no plano de governo e de partido da agremiação. Na entrevista, o periódico se referiu à sigla como “o partido que quer privatizar o Brasil” (MARTINS, 2015).

Em sua coluna para *O GLOBO*, Rodrigo Constantino, economista, presidente do Instituto Liberal e “intelectual orgânico” do Partido NOVO, faz uma crítica ao governo do Partido dos Trabalhadores. De acordo com o mesmo, a gestão do PT foi um “projeto populista”, “filhote de um arcaico desenvolvimentismo”. O colunista ainda define o partido NOVO como defensor da liberdade e do indivíduo e como uma promessa para reduzir os “obstáculos estatais que dificultam o processo dinâmico que leva à prosperidade”. O autor afirma, também, que não há partidos de direita no Brasil, e que todas as siglas são de esquerda - inclusive o PSDB, que o autor caracteriza como uma esquerda “mais civilizada” (CONSTANTINO, 2015).

⁸ PSDB. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Rede45/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

⁹ PMDB Nacional. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PMDBNacional15/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

Claramente, com seu discurso liberal, o partido NOVO é muito bem aceito e retratado na mídia *mainstream* do Brasil, valendo ressaltar que estes veículos de informação citados são de posse da Rede Globo e da Editora Abril.

No entanto, em canais de mídia *on-line* alternativas, o partido é recebido também com duras críticas às suas propostas. A página Pragmatismo Político fez recentemente uma reportagem seguida às eleições de 2016, retratando o partido como “partido dos banqueiros” e relembrando que, para a sigla, “o que não falta é dinheiro”. O jornal também faz duas críticas ao uso do conceito “novo”, declarando que “do ponto de vista de suas ideias, o Partido Novo não tem nada de novo. A legenda é ligada a movimentos contemporâneos como Estudantes pela Liberdade (EPL) e Movimento Brasil Livre (MBL)” (MARETTI, 2016). O jornal Carta Maior, por sua vez, chama o partido de “o legítimo partido coxinha”, e uma sigla que “Embora se apresente como o partido capaz de fazer política de uma forma vanguardista, o NOVO é a verdadeira síntese destes tempos sombrios de avanço conservador e despolitização levada ao extremo”. O site também critica a ausência do debate sobre questões como aborto e legalização das drogas, pautas tradicionais do liberalismo no mundo. De acordo com a reportagem: “o partido fala muito em defesa dos direitos individuais, mas sequer tem a coragem de manifestar posição sobre temas como aborto, drogas ou casamento entre pessoas do mesmo sexo” (PASSOS, 2015).

Em conclusão, o partido NOVO se configura como uma agremiação que sabe utilizar de suas plataformas virtuais, diferentemente de outros partidos de tradição no Brasil, como o PC do B e o PMDB, por exemplo, que não alavancam muitas curtidas em suas páginas e possuem poucas postagens. Além disso, fica claro que a mídia tradicional defende enormemente o partido e o vangloria como uma grande alternativa nas eleições à “velha corja” da política tradicional brasileira. Isto se ilustra no próprio site do partido, que possui uma seção destinada à sua presença na mídia. Porém, esta presença é colocada no site através apenas de reportagens da Veja, ÉPOCA e O Globo e seus jornais afiliados, em sua absoluta maioria, com poucas exceções de algumas reportagens de outros jornais comerciais em sua maioria¹⁰.

Esta boa recepção por parte de editoras grandes do país se dá, é claro, pelo apoio que estas grandes empresas conferem aos ideais liberais, enquanto que a mídia alternativa, em sua grande maioria posicionada à esquerda, destila fortes críticas ao partido e suas propostas, assim como seu caráter de novo e alternativo ao sistema político brasileiro. Novamente, o que

¹⁰ BLOG NOVO. **Novo.org.br**. Disponível em: <<http://novo.org.br/acompanhe/apresentacoes-e-slides/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

podemos conferir, é o apoio recebido pelo partido NOVO por parte das classes média e alta, e do setor empresarial.

3.5 Debutê Eleitoral

Na parte final deste capítulo, analisarei brevemente o desempenho eleitoral do partido NOVO na sua primeira eleição disputada, as eleições municipais do ano de 2016.

O Partido lançou 144 candidatos em cinco cidades, sendo todas elas capitais - são estas: Belo Horizonte, Curitiba, São Paulo, Rio De Janeiro e Porto Alegre. O partido lançou apenas uma candidatura para o executivo, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, de Carmen Pires Migueles. Todas as demais candidaturas foram para a posição de vereador(a). A expectativa da direção partidária é a de eleger pelo menos um candidato para cada uma das cinco capitais. Ao total foram eleitos 4 vereadores, são eles: Felipe Camozzato, em Porto Alegre; Janaína Lima, em São Paulo; Leandro Lyra, no Rio de Janeiro; e Mateus Simões em Belo Horizonte. Portanto, a única cidade que não elegeu um vereador do partido NOVO foi Curitiba. Referente aos candidatos do partido, percebemos também um perfil socioeconômico bastante claro, assim como no caso de seus fundadores. Dos 144 candidatos, 121 possuem ensino superior completo, 13 incompleto e apenas 10 têm o ensino médio completo¹¹. Este dado é bastante expressivo e incomum, mostrando que o perfil de candidatos do partido é bastante específico e elitizado. Isto se dá, em parte, por conta do método de seleção de candidatura imposto pela legenda. Os candidatos interessados tiveram de passar por um processo seletivo¹² composto por duas etapas: na primeira etapa da seleção, os filiados interessados mandaram um vídeo de dois minutos e fizeram uma prova online para verificar se os valores pessoais deles estavam de acordo com os do partido; na segunda, os selecionados foram entrevistados por membros de diversos diretórios do Novo. Além disso, após selecionados, os candidatos receberam aulas e descontos em cursos da área de marketing político, gestão pública e atuação como vereador¹³.

Referente ao número de candidatos por cidade, dos 144 candidatos, 45 foram lançados na cidade de São Paulo; 16 em Porto Alegre; 33 no Rio de Janeiro; 19 em Curitiba; e 31 em Belo

¹¹ ESTATÍSTICAS Eleitorais 2016 – Candidaturas. **TSE.jus.br**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais-2016/candidaturas>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

¹² PARTIDO NOVO abre processo seletivo para escolha de pré-candidatos. **Diários da Liberdade**. 2016. Disponível em: <<https://30diarios.wordpress.com/2016/03/16/partido-novo-abre-processo-seletivo-para-escolha-de-pre-candidatos/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

¹³ NOVO, Partido. Por que a seleção de candidatos do NOVO é inovadora? **Youtube**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=59y527PsZWk>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

Horizonte¹⁴. Referente ao sexo, foram lançados 97 candidatos masculinos e 47 candidatas femininas¹⁵.

Por fim, em relação à faixa etária, os candidatos analisados apresentaram ampla variedade. De 20 a 24 anos, foram lançados 5 candidatos, (3,4%); de 25 a 29 anos, foram 14 candidatos, (9,7%); de 30 a 34 anos, foram 19 candidatos, (13,1%); de 35 a 39 anos, 22 candidatos (15,2%); de 40 a 44 anos, 18 candidatos, (12,5%); de 45 a 49 anos, foram 23 candidatos, (15,9%); de 50 a 54 anos, 24 candidatos, (16,6%); de 55 a 59 anos, 13 candidatos, (9,02%); dos 60 aos 64, 3 candidatos lançados, (2,08%); dos 65 aos 69, apenas 2, (1,38%); e, por fim, dos 75 aos 79, apenas 1 candidatura foi lançada, contabilizando apenas 0,69%¹⁶.

Em conclusão, o partido apresentou um bom aproveitamento para uma eleição de debute. Além disso, como mencionado anteriormente, a agremiação tinha como objetivo a eleição de um candidato por capital, conforme declarado por seu presidente (RAMOS, 2016) e, com a exceção de Curitiba, a legenda alcançou o resultado projetado, conquistando 4 cadeiras em 4 grandes capitais do Brasil. O perfil dos candidatos se mostrou bastante específico na questão socioeconômica, lançando, em maioria, candidatos com grau de instrução superior completo, além de uma minoria com superior incompleto, grau de instrução bastante raro no Brasil - cerca de 10,8% (IBGE, 2010) -, indicando o alto nível de recursos e a classe econômica dos candidatos. Os dados referentes à idade e sexo não apresentaram índices fora do normal.

¹⁴ ESTATÍSTICAS Eleitorais 2016 – Candidaturas. **TSE.jus.br**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais-2016/candidaturas>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*.

4 O PARTIDO NOVO E O *FRAMEWORK* DO *NEWNESS*: O QUE HÁ DE NOVO NO PARTIDO NOVO?

Na parte final deste trabalho, é proposta uma análise do nível de novidade (*Newness*) do partido NOVO segundo a operacionalização do *framework* de Barnea e Rahat (2010) apresentado no capítulo 2. Inicialmente, apresentaremos os dados disponíveis em cada dimensão de análise para o caso do partido NOVO. Após, faremos a análise individual de cada dimensão de análise para o caso do partido NOVO, de modo a determinar seu nível de *Newness*. Inicialmente, vale ressaltar novamente o caráter não dicotômico da *framework*, ou seja, nossa proposta consiste em uma análise de um “grau” de novidade partidária e uma operacionalização e diálogo com os dados apresentados neste trabalho até então, e não uma análise em profundidade com intuito de determinar absolutamente se o partido NOVO é simplesmente novo ou não. Além disso, é importante deixar claro aqui que algumas dimensões de análise da *framework* não foram analisadas devido à falta de dados do partido NOVO. As faces do partido referente ao Eleitorado e aos Militantes não dispunham de informações suficientes para a análise da *framework*, e contarão apenas com hipóteses, conforme exposto no Quadro 2.

Quadro 2 – Operacionalização para análise do *Newness*

Face do Partido	Critério	Definição Operacional
Partido no Eleitorado	Nomenclatura da Legenda	- legenda totalmente nova; - legenda com resquícios de um antigo partido; - legenda reativada de um antigo partido.
	Ideologia	- plataforma possui bandeiras nunca contempladas; - plataforma possui bandeiras parcialmente contempladas por outras siglas; - plataforma possui apenas bandeiras já

		contempladas.
	Eleitorado (Não será analisado por conta da falta de dados disponíveis)	<ul style="list-style-type: none"> - eleitorado próprio; - eleitorado parcialmente próprio e parcialmente advindo de outra sigla; - eleitorado totalmente oriundo de outra sigla.
Partido como Organização	Status Formal/Legal	<ul style="list-style-type: none"> - Partido registrado legalmente como novo. - Partido em processo de registro - Partido não reconhecido como novo legalmente.
	Instituições Internas	<ul style="list-style-type: none"> - instituições e processos internos próprios. - Instituições e processos internos parcialmente novos e parcialmente antigos (misto) - Instituições e processos internos antigos.
	Militantes (Não será analisado por conta da falta de dados disponíveis)	<ul style="list-style-type: none"> - Militantes próprios - Militantes próprios e militantes oriundos de velhos partidos (misto) - Militantes advindos de antigos partidos
Partido no Governo	Representantes	<ul style="list-style-type: none"> - candidatos novos (não-incumbentes) - candidatos novos e <i>insiders</i> (incumbentes) - candidatos <i>insiders</i>.
	Programa	- programa novo (não

		contemplado por outras legendas) - programa parcialmente contemplado por outras legendas - programa totalmente contemplado por outras legendas.
--	--	---

Fonte: Elaboração própria.

4.1 Partido no Eleitorado

4.1.1 Nomenclatura da Legenda

Para esta análise, será visto, primeiramente, a perspectiva interna do partido, a partir de seu estatuto oficial. O partido NOVO centraliza toda a sua imagem e possui a visão de ser um diferencial na política brasileira, uma nova via, “diferente de tudo que está aí” - logo, a sua nomenclatura. Nas palavras oficiais¹⁷ do partido:

O NOVO é um movimento que foi iniciado por cidadãos insatisfeitos com o montante de impostos pagos e a qualidade dos serviços públicos recebidos. Este grupo de pessoas nunca havia se candidatado a nenhum cargo eletivo, mas concluiu que um partido político seria a ferramenta democrática adequada para realizar as mudanças desejadas e necessárias.

Analizando os partidos políticos existentes, concluímos que nenhum deles defendia claramente a maior autonomia e liberdade do indivíduo, a redução das áreas de atuação do Estado, a diminuição da carga tributária e a melhoria na qualidade dos serviços essenciais, como saúde, segurança e educação. Em razão desta constatação, optamos pela formação de um novo partido político. (QUEM, n/a)

Não será discutido aqui se, de fato, o partido faz jus à esta imagem e proposta. Na questão de análise como se dá, a nomenclatura do partido é totalmente nova, não sendo nem parcialmente reativada ou remotamente similar a nenhum partido na história do Brasil.

4.1.2 Ideologia

O partido NOVO é considerado por alguns dos principais veículos midiáticos nacionais como o primeiro partido de proposta claramente liberal desde a criação da UDN (União Democrática Nacional), em 1965 (FUCS, 2015). Para outros, o PFL e, mais tarde, o DEM, como mencionados anteriormente, são os últimos liberais organizados na arena política. De qualquer forma, percebemos que as bandeiras levantadas pelo partido já são

¹⁷ QUEM somos. **Novo.org.br**. Disponível em: <<http://novo.org.br/partido/quem-somos/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

parcialmente contempladas, como, por exemplo, a privatização de todos os serviços não exclusivos ao Estado e os ideais de livre mercado e desestatização, bandeiras que vemos hoje defendidas na campanha municipal do candidato Marchezan do PSDB, por exemplo, ou, ainda, bandeiras que já foram colocadas em pauta no governo Collor. Porém, o partido também apresenta bandeiras inéditas, como a limitação ao carreirismo político, a contribuição igual para eleitos e filiados e a gestão independente, como colocados anteriormente.

4.1.3 Eleitorado

Neste quesito, levanta-se um grande desafio, já que o partido acabou de realizar o seu debut eleitoral no ano de 2016 para cargos legislativos municipais em cinco cidades e um cargo executivo municipal em uma cidade, como colocado anteriormente. Não há como afirmar ou operacionalizar esta dimensão de forma adequada, dada a escassez de dados. Porém, o que pode ser assinalado é que o NOVO parece representar grupos da direita liberal que não se viam representados pela direita conservadora no país, e que, antes, eram “forçados” a votar em partidos de direita que não representavam de fato o seu ideário - como o PSDB, por exemplo, criticado por muitos liberais por ter promovido um governo do tipo *Welfare State* no Brasil. Logo, concluímos, de forma tímida, que o partido é composto parcialmente por eleitores previamente não engajados em nenhum partido e eleitores insatisfeitos com a direita tradicional no país. No entanto, ressalto a dificuldade de afirmar e operacionalizar este quesito.

4.2 Partido como Organização

4.2.1 Status Legal/Formal

Como mencionado no capítulo 3, a legenda teve sua ata fundacional no dia 12 de Fevereiro de 2011 na cidade de Brasília, no Distrito Federal e teve seu registro oficial no TSE no dia 15 de Agosto de 2015¹⁸. Portanto, o partido é reconhecido legalmente como novo desde esta data.

4.2.2 Organizações Internas

O partido NOVO é organizado, sob certa forma, com instituições partidárias clássicas, como convenções nacionais do diretório nacional, sub sedes nas unidades federativas e

¹⁸ PARTIDO Novo. **TSE.jus.br**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/partido-novo>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

Distrito Federal, comissões executivas e provisórias, conselho fiscal, etc. Porém, o partido possui processos internos novos, como o já mencionado limite à carreira política e a gestão partidária independente, proibindo por exemplo, o presidente do partido de concorrer como candidato¹⁹.

4.2.3 Militantes

Dada a novidade do partido e a ausência de dados específicos, esta dimensão é de difícil operacionalização. No entanto, podemos formular a hipótese de que parte dos militantes do partido não acompanharam elites de outros partidos, por exemplo, o que nos leva a hipotetizar que o partido possui uma base militante pelo menos parcialmente nova.

4.3 Partido no Governo

4.3.1 Representantes

Neste quesito, o partido apresenta o maior nível de *Newness*, já que, conforme colocado no capítulo 3, o partido é formado inteiramente por elites políticas não incumbentes, fato de grande orgulho para o partido NOVO, que expressa esta realidade constantemente através de suas mídias e discursos. Os candidatos do partido são das mais diversas áreas, porém, como colocado previamente, são, em absoluta maioria, indivíduos de alta instrução formal, com o ensino superior completo.

4.3.2 Programa

Assim como no quesito da ideologia, o programa do partido NOVO é focado em torno de uma lógica liberal, defendendo o livre mercado, a autonomia individual, a desestatização e a privatização. Como discutido previamente, este programa partidário já foi parcialmente contemplado, porém, em partes, como na proibição de reeleição legislativa consecutiva, o programa apresenta novidades, sendo considerado neste operacionalização como parcialmente novo.

¹⁹ ESTATUTO do NOVO. **Novo.org.br**. Disponível em: <<https://novo.org.br/partido/estatuto/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

4.4 *Framework* Operacionalizada

Dado toda a análise individual das dimensões dentro de cada face do partido e sua operacionalização para o caso do partido NOVO, cabe agora fazermos um novo *framework* com cada uma das dimensões já operacionalizada (Quadro 3), a ser apresentada a seguir:

Quadro 3 – (Framework Operacionalizada)

Face do Partido	Critério	Operacionalização
Partido no Eleitorado	Nomenclatura da Legenda	- Nome completamente novo
	Ideologia	-Parcialmente contemplada por outros partidos
	Eleitorado	- Sem dados suficiente (não analisado)
Partido como Organização	Status Formal/Legal	- Reconhecido como novo
	Instituições Internas	- Instituições e processos internos antigos e novos (misto)
	Militantes	- Sem dados suficiente (não analisado)
Partido no Governo	Representantes	- Candidatos novos (não-incumbentes)
	Programa	- Programa parcialmente contemplado por antigos partidos

Fonte: elaboração própria.

5 CONCLUSÕES

Como a Ciência Política explica o surgimento de novos partidos?

Para a melhor organização da análise, a literatura da Ciência Política classifica as razões para o surgimento de novos partidos em três categorias: transformações socioculturais, Condições Institucionais e dinâmica dos atores. No que diz respeito às transformações socioculturais, Ignazi (1996) aponta para a crise geral do sistema partidário, e o vão causado por uma ausência de representação dos partidos para com a sociedade civil. Vão este que acaba por gerar novos partidos para preencher estes espaços não mais atendidos por representantes de uma velha política. Por outro lado, Mair (1995) explica que estes momentos, nos quais ocorrem clivagens que nos mostram as fraquezas de determinados sistemas político partidários não necessariamente traduzem um desgaste do sistema em questão ou a perda da importância do papel das agremiações políticas.

De acordo com Tavits (2007), crises econômicas agem também como um importante fator de transformação sociocultural. Problemas de matriz econômica mobilizam fortemente os eleitores para a busca de novas alternativas nas arenas políticas, beneficiando as novas agremiações. Além disso, nesta categoria, podemos citar falhas no mercado eleitoral, a institucionalização dos partidos políticos e o índice de volatilidade como fatores adicionais que levam ao surgimento de novos partidos. Estas mudanças socioculturais podem ser consideradas bastante frequentes, e ser parte central do dinamismo de arenas políticas (LAGO & MARTINEZ, 2001). As condições institucionais se configuram como outra grande categoria para o melhor entendimento do surgimento de novos partidos. A legislação partidária se apresenta como um fator importante desta categoria. Quanto maior e mais rigorosa a legislação para registro de uma nova sigla, e quanto mais desproporcionais as regras eleitorais se apresentam, menor as chances de surgirem novos partidos, já que as elites políticas vão tender a não assumir estes riscos. Este cálculo de custo-benefício realizado sobre as regras eleitorais são de extrema relevância para o número de agremiações surgidas (TAVITS, 2007). Além disso, ainda na questão da legislação, Van Biezen e Rashkova (2012) definem uma tipologia importante para a entrada de novas agremiações. De acordo com as autoras, o cálculo de risco para a decisão de adentrar na arena política se dá em quatro dimensões: *Party finance, party organization, party activity and identity and media access*. (BIEZEN & RASHKOVA, 2012), sendo o financiamento partidário, a questão econômica, o fator mais relevante no cálculo das elites. O sistema presidencialista age também como importante fator neste quesito, já que, neste contexto institucional, os novos partidos

percebem uma “chance” mais imediata de se alcançar uma considerável parcela do poder político, através da tomada do poder executivo (TAVITS, 2007).

Levando em consideração a dinâmica dos atores, podemos ressaltar a importância da cultura política de um país, sua trajetória e confiança nas instituições políticas (MAINWARING & SCULLY, 1997). Vale ressaltar também, nesta dimensão, a *Theory of Strategic Entry*, que explica a tendência de partidos novos surgirem e se arriscarem a entrar na arena política se a probabilidade de sua vitória é alta o suficiente para justificar os seus custos (COX, 1997). Além disso, neste cálculo realizado pelas elites políticas, Lago e Martinez (ano) apresentam duas variáveis importantes: a baixa institucionalização de um sistema partidário, que leva à baixa identificação do eleitorado junto às agremiações políticas, tornando estas arenas políticas “abertas” à novas siglas; e as falhas do mercado eleitoral, que podem ser traduzidas na forma de instabilidades eleitorais, consequência da insatisfação da sociedade para com os partidos existentes. Sobre a dinâmica dos atores e sua importância no surgimento de novos partidos, devemos analisar também a relevância da possibilidade de suporte eleitoral para o cálculo dos atores em fundar uma nova sigla. Em sistemas partidários mais tradicionais e institucionalizados, é difícil para novas agremiações conquistar um grande eleitorado, já que a grande maioria dos votos já é fidelizada à velhos partidos, que possuem uma forte relação de identidade em seu eleitor. Em democracias jovens e pouco institucionalizadas, no entanto, mais partidos novos tendem a surgir, já que a possibilidade de suporte eleitoral é maior. Em outras palavras, novas siglas não tem razões para acreditar que não receberão apoio eleitoral, já que não existe uma forte identificação com os velhos partidos.

Por fim, trazendo o caso do Partido NOVO, podemos agora contextualizar seu surgimento como um novo partido. Como apresentado ao longo do trabalho, grandes setores da sociedade não se sentem representados no nosso sistema político partidário, gerando um vazio propício para o surgimento de novos partidos, que captam estes votos insatisfeitos e não identificados com nenhuma agremiação, que, conforme vimos anteriormente, representam no Brasil um número bastante expressivo. Além disso, a legislação partidária brasileira não pareceu apresentar nenhum empecilho significativo para o surgimento do partido NOVO, e, em outro ponto, a configuração brasileira de um sistema presidencialista se apresenta, conforme exposto anteriormente, como um incentivo para que novos grupos políticos tentem irromper dentro da arena política visando grandes recompensas e espaços políticos rapidamente, através da conquista do poder Executivo. O cenário econômico de crise vivenciado e fortemente repercutido na mídia brasileira recentemente também configura-se como uma vantagem eleitoral para novas agremiações. Conforme explicado, crises da

natureza econômica enfraquecem ainda mais a confiança do eleitorado frente às instituições políticas existentes, criando um anseio por novas elites políticas que possam oferecer uma resposta ao aparente caos econômico, e, ademais, este contexto econômico contribuiu para que setores da elite econômica empresarial se vissem ainda mais mal representadas, ansiando por novos partidos que carregassem sua bandeira de cunho liberal. Por fim, vale ressaltar a situação do nosso país como uma democracia jovem e amplamente frágil, um cenário que produz uma arena política pouco institucionalizada que, conforme visto ao longo deste trabalho, tem efeitos que propiciam o surgimento de partidos novos, tais como volatilidade eleitoral e pouca identificação partidária.

O partido NOVO pode realmente ser considerado novo?

Conforme apontado anteriormente, a análise do *Newness* não é realizada de forma dicotômica, e não define um partido simplesmente como “novo” ou “antigo”, e sim nos permite analisar um “grau” de novidade apontada por determinada agremiação. Mediante os dados disponíveis, e tendo sido feito a análise do Partido NOVO junto à *framework* do *Newness*, tornou-se claro que o partido analisado apresenta um expressivo grau de novidade. Nas seis dimensões de análise propostas, divididas entre as três faces partidárias, a sigla apresentou três dimensões como completamente nova, apresentando alto grau de novidade, enquanto que nas demais cinco dimensões, o partido apresentou condições mistas de novidade e partidos antigos, nos demonstrando, portanto, um grau médio de *Newness*. Sob nenhuma dimensão de análise o partido apresentou um resultado com baixo nível de *Newness*, ou seja, de um partido antigo. Sendo analisado o *framework* junto ao partido estudado, e o perfil da agremiação, seus fundadores, propostas, diferenças, etc., pode-se concluir que o Partido NOVO realmente apresenta um alto nível de *Newness*.

REFERÊNCIAS

BARNEA, S.; RAHAT, G.. 'Out with the old, in with the "new": What constitutes a new party?. **Party Politics**, [s.l.], v. 17, n. 3, p.303-320, 9 jul. 2010.

BARTH, Fernanda . **Pensamento Político Brasileiro**. Curitiba: Ulbra, 2008.

BLOG NOVO. **Novo.org.br**. Disponível em: <<http://novo.org.br/acompanhe/apresentacoes-e-slides/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

BONH, Simone R; PAIVA, Denise. A Volatilidade Eleitoral nos Estados: Sistema Partidário e Democracia no Brasil. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 33, n. 17, p.187-208, jun. 2009.

BRASIL. **Lei Nº 9.096, de 19 de Setembro de 1995**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/lei-dos-partidos-politicos/lei-dos-partidos-politicos-lei-nb0-9.096-de-19-de-setembro-de-1995>>. Acesso em: 11 out. 2016.

BRASIL. **Lei Nº 11.459, de 21 de Março de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Lei/L11459.html>. Acesso em: 11 out. 2016.

CONSTANTINO, Rodrigo. Quem teme o novo? **O Globo**. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/opiniao/quem-teme-novo-17633396>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

COX, Gary. Making Votes Count: Strategic Coordination in the World's Electoral Systems. **Canadian Journal of Political Science**, vol 31, n. 1, pg. 191-193, 1996.

DULCI, Otávio Soares. Notas para o debate da reforma política. In: DULCI, Otávio Soares. **A incômoda questão dos partidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Ufrj, p.301-317, 2005.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

ESTATÍSTICAS Eleitorais 2016 – Candidaturas. **TSE.jus.br**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais-2016/candidaturas>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

ESTATUTO do NOVO. **Novo.org.br**. Disponível em: <<https://novo.org.br/partido/estatuto/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

FUCS, José. Partido Novo, o intruso liberal na política brasileira. **Época**. 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2015/11/partido-novo-o-intruso-liberal-na-politica-brasileira.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

IGNAZI, Piero. The Crisis of Parties and The Rise of New Political Parties. **Governance**, Cambridge, v. 2, n. 4, p.549-566, nov. 1996.

KESTLER, Thomas; LUCCA, Juan Bautista; KRAUSE, Silvana. Los Break-In Parties en América Latina: Exito o Fracaso? **Debates**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p.159-171, ago. 2013.

_____. **Nuevos Partidos en America Del Sur: Cohésion, Éxito o Fracaso;**

KIRCHEINER, Otto. A transformação dos sistemas partidários da Europa Ocidental. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 5, n. 7, p.349-385, abr. 2012.

LACERDA, Alan Daniel Freire. O PT e a Unidade Partidária como Problema. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1, p. 39-67, abril, 2002.

LAGO, I.; MARTINEZ, F.. Why new parties? **Party Politics**, [s.l.], v. 17, n. 1, p.3-20, 3 jun. 2010.

MAINWARING, Scott; SCULLY, Timothy. Introducción: Sistema de Partidos en América Latina. In: MAINWARING, Scott; SCULLY, Timothy. **La Construcción de Instituciones Democráticas: Sistema de Partidos en América Latina**. Santiago: Cieplan, p.3-9, 1996.

MAINWARING, S. & TORCAL, M. Party System Institutionalization and party system theory after the Third Wave of Democratization. In: KATZ, R.; CROTTY, W. (eds.) **Handbook of Political Parties**. London: Sage Publications. pp. 204-27, 2006.

MAINWARING, S.; ZOCO, E. Political Sequences and the stabilization of interparty competition: Electoral volatility in old and new democracies. **Party Politics**. V. 13, n. 2, pp.155-178, 2006.

MARETTI, Eduardo. Os resultados da REDE e do Partido NOVO nas eleições de 2016. 2016. **Pragmatismo Político**. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/10/resultados-rede-partido-novo-eleicoes-2016.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

MARTINS, Raphael. Partido Novo quer privatizar o Brasil. 2015. **Exame**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/partido-novo-quer-privatizar-o-brasil-veja-entrevista/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

MEDINA, Juan Manuel Abal. El Partido Frente Grande: Análisis de una Experiencia Inconclusa. **Desarrollo Economico**, Montevideo, v. 36, n. 151, p.90-110, nov. 1998.

NOVO, Partido. Por que a seleção de candidatos do NOVO é inovadora? **Youtube**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=59y527PsZWk>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

NOVO 30. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/NOVO30/?ref=br_rs>. Acesso em: 13 nov. 2016.

PAIM, Antônio. **Curso de introdução à história do liberalismo**. Rio de Janeiro: Ed. da UGF, 5v, 1996.

_____. **Evolução Histórica do Liberalismo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1977.

PARTIDO dos Trabalhadores. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pt.brasil/>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

PARTIDO Novo. **TSE.jus.br**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/partido-novo>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

PARTIDO NOVO abre processo seletivo para escolha de pré-candidatos. **Diários da Liberdade**. 2016. Disponível em: <<https://30diarios.wordpress.com/2016/03/16/partido-novo-abre-processo-seletivo-para-escolha-de-pre-candidatos/>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

PASSOS, Najla. TSE aprova criação do “partido coxinha” do país. **Carta Maior**. 2015. Disponível em: <<http://cartamaior.com.br/?%2FEditoria%2FPolitica%2FTSE-aprova-criacao-do-legitimo-partido-coxinha-do-pais%2F4%2F34514>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

PSDB. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Rede45/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

PMDB Nacional. **Facebook**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PMDBNacional15/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

QUEM somos. **Novo.org.br**. Disponível em: <<http://novo.org.br/partido/quem-somos/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

RAMOS, Murilo. Partido Novo quer eleger ao menos um vereador nas capitais em que terá candidato. **Época**. 2016. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/expresso/noticia/2016/08/partido-novo-quer-eleger-ao-menos-um-vereador-nas-capitais-em-que-tera-candidato.html>>. Acesso: em 16 nov. 2016.

RELAÇÃO de filiados. **TSE.jus.br**. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/filiacao-partidaria/relacao-de-filiados>>. Acesso em: 20 out. 2016.

TAVITS, Margit. Party Systems in the Making: The Emergence and Success of New Parties in New Democracies. **British Journal Of Political Science**, [s.l.], v. 38, n. 01, p.113-133, 7 dez. 2007.

UOL Eleições 2016 Apuração 1º Turno. **Uol.com.br**. 2016. Disponível em: <http://placar.eleicoes.uol.com.br/2016/1turno/rs/porto-alegre/>. Acesso em: 14 nov. 2016.

VALORES & diferenciais. **Novo.org.br**. Disponível em: <<https://novo.org.br/partido/valores/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

VAN BIEZEN, I.; RASHKOVA, E. R.. Deterring new party entry? The impact of state regulation on the permeability of party systems. **Party Politics**, [s.l.], v. 20, n. 6, p.890-903, 23 set. 2012.